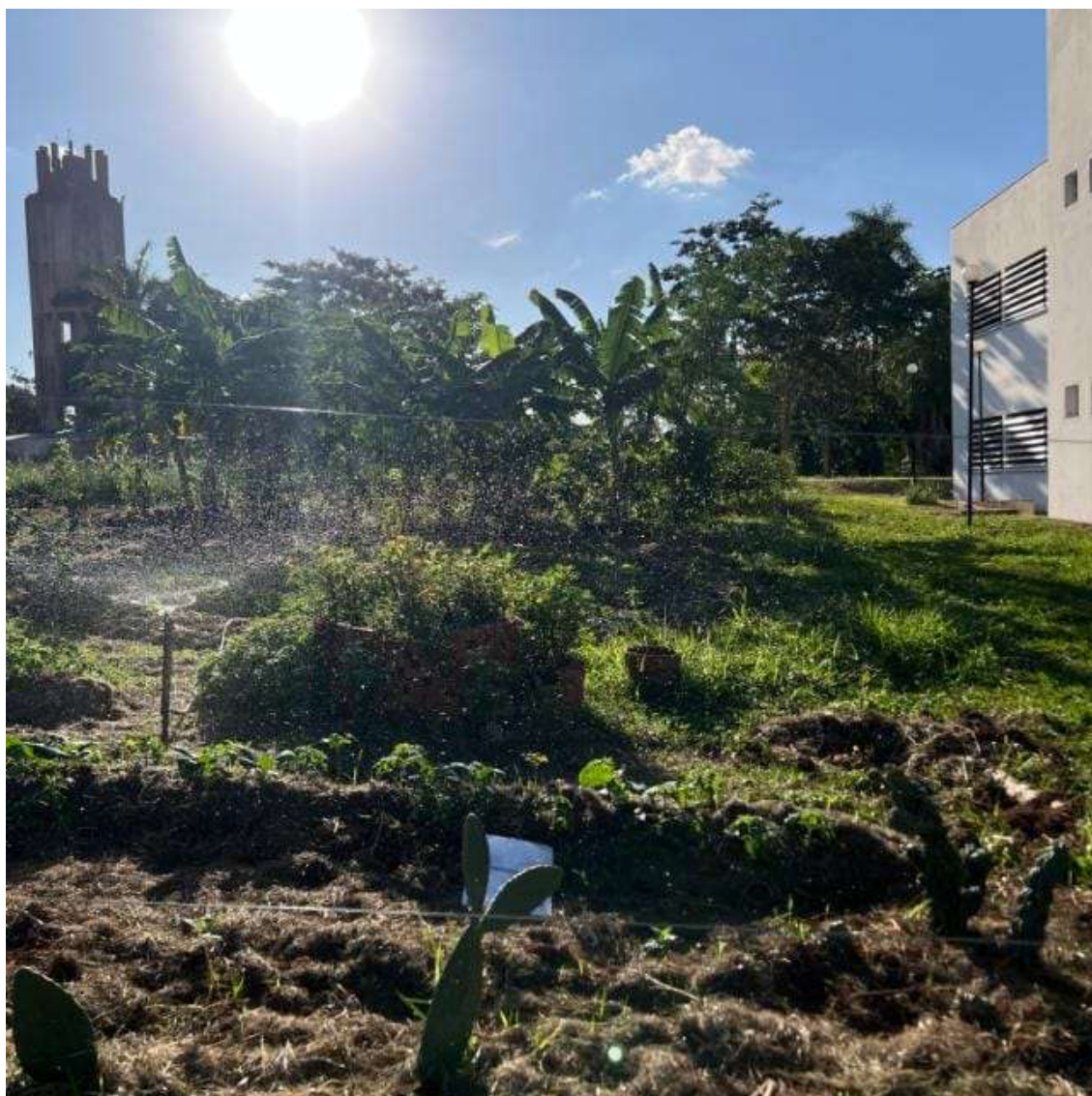


Das experiências de agroecologia do Pontal do Paranapanema ao Quintal Agroecológico da FCT/UNESP

Lucas Souza Silva



Presidente Prudente-SP

2025

Das experiências de agroecologia do Pontal do Paranapanema ao Quintal Agroecológico da FCT/UNESP

Lucas Souza Silva

Trabalhado de Conclusão de Curso para recebimento do título de Bacharelado em Geografia, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), da Universidade Estadual paulistas “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano.

Presidente Prudente-SP

2025

S586e Silva, Lucas Souza
Das experiências de agroecologia do Pontal do
Paranapanema ao Quintal Agroecológico da FCT/UNESP. /
Lucas Souza Silva. -- Presidente Prudente, 2025
92 p. : tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Carlos Alberto Feliciano

1. Agroecologia. 2. Experiências. 3. Trabalho coletivo. 4.
Resistência. 5. Prática Agroecológica.. I. Título.

Lucas Souza Silva

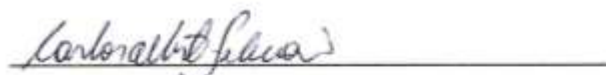
Das experiências de agroecologia do Pontal do Paranapanema ao Quintal
Agroecológico da FCT/UNESP.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentada à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de
Ciências e Tecnologia (FCT), Presidente
Prudente - SP, para obtenção do título
de Grau acadêmico Bacharelado no
Curso de Graduação em Geografia.

Área de Concentração: Geografia/Geografia Agrária

Data da defesa: 19/12/2025

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano

UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente
Prudente.



Prof. Dr. Leandro Nieves Ribeiro

Doutor em Geografia – FCT/UNESP



Prof. Mestre Daniela Ferarrez Valério

Doutoranda em Geografia – PPGE/FCT/UNESP

Dedico este trabalho às famílias e aos
sujeitos que promovem a agroecologia,
não apenas para si, mas para todos e
todas, inclusive para aqueles que ainda
não a conhecem.

AGRADECIMENTO

Agradeço pelas oportunidades que tive. Apesar das dificuldades e necessidades, consegui seguir adiante.

À minha mãe, ao meu pai, aos meus irmãos, sobrinhos... à minha família.

Agradeço à Universidade, mesmo com suas contradições, nela lutei e sigo lutando para que minha gente possa fazer dela uso e fruto.

Ao meu orientador, que desde 2017 acompanho e admiro.

Agradeço à banca, Dani Ferrarezi e Leandro Nieves.

Aos companheiros Ian, Sidney, João Gabriel, Mateus Cordeiro, Lucas Moraes, João Turino, Lucas Martins, Carlos Gonçalves, Édio Júnior, e tantos outros.

Para Beatriz, quem me faz ser melhor e me sentir bem em todos os momentos

Ao MST, minha casa e minha escola. À Associação de Geógrafos Brasileiros - AGB, casa da geografia. Ao Centro de Estudos em Geografia do Trabalho - CEGeT, ao Centro de Estudos em Educação, Trabalho, Ambiente e Saúdes - CEETAS e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Agroecologia do Pontal do Paranapanema - NEAPO, espaços onde construí minha trajetória.

Agradeço com todo carinho ao Professor Thomaz, pela ideia de construir o coletivo e o Quintal.

Agradeço ao Professor Mariano, responsável por projetar e encaminhar os primeiros passos para construção do Quintal. Minha referência enquanto educador.

Choro virou alegria,
a fome virou fartura,
e na festa da colheita,
viola em noite de lua.
Mutirão é harmonia,
com cheiro de natureza,
o sol se esconde na serra
e a gente acende a fogueira.

Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o pão.

Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.

Quando se venena a terra,
a chuva leva PRO rio,
nossa poesia chora,
se a vida tá por um fio,
e ela é pra ser vivida,
com sonho, arte e beleza,
caminhos alternativos
e alimentação na mesa.

Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o pão.

Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente

(Música: Caminhos Alternativos

Autor: Zé Pinto)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever algumas experiências de agroecologia constituídas na região do Pontal do Paranapanema–SP. Para isso, foram realizadas análises de bibliografias disponíveis em repositórios, editais de fomento, projetos de pesquisa, bem como o envolvimento direto com distintas experiências agroecológicas, o que possibilitou o levantamento de um conjunto significativo dessas iniciativas. Ainda que os fatores que deram origem a tais experiências tenham emergido em diferentes contextos, a agroecologia se apresenta, em determinado momento, como ferramenta de enfrentamento mobilizada por diversos sujeitos - pesquisadores, militantes e camponeses, em múltiplas dimensões, como a produção, a comercialização e a pesquisa. Nesse sentido, como horizonte de observação e aplicação relacionado a essas experiências, é apresentado o Quintal Agroecológico, fruto de múltiplas relações construídas entre o Coletivo CEETAS de Pesquisadores, movimentos sociais, coletivos de agroecologia e a comunidade acadêmica da FCT/UNESP.

Palavras-chave: Agroecologia. Experiências. Trabalho Coletivo. Resistência. Prática Agroecológica.

ABSTRACT

The present study aims to describe some agroecological experiences developed in the Pontal do Paranapanema region, São Paulo State, Brazil. To this end, analyses were conducted of bibliographic materials available in repositories, funding calls, research projects, as well as through direct involvement with different agroecological experiences, which enabled the identification of a significant set of initiatives. Although the factors that gave rise to these experiences emerged in different contexts, agroecology appears, at a certain point, as a tool of confrontation mobilized by diverse actors - researchers, activists, and peasants, across multiple dimensions, such as production, commercialization, and research. In this sense, as a horizon of observation and application related to these experiences, the Quintal Agroecológico is presented, resulting from multiple relationships built among the CEETAS Research Collective, social movements, agroecology collectives, and the academic community of FCT/UNESP.

Keywords: Agroecology. Experiences. Collective Work. Resistance. Agroecological Practice.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo describir algunas experiências agroecológicas desarrolladas en la región del Pontal do Paranapanema, estado de São Paulo, Brasil. Para ello, se realizaron análisis de bibliografía disponible en repositorios, convocatorias de financiamiento, proyectos de investigación, así como el involucramiento directo con distintas experiências agroecológicas, lo que permitió el levantamiento de un conjunto significativo de estas iniciativas. Aunque los factores que dieron origen a tales experiências surgieron en diferentes contextos, la agroecología se presenta, en determinado momento, como una herramienta de enfrentamiento movilizadora por diversos sujetos - investigadores, militantes y campesinos, en múltiples dimensiones, como la producción, la comercialización y la investigación. En este sentido, como horizonte de obseRevolução Verdeación y aplicación relacionado con estas experiências, se presenta el Quintal Agroecológico, fruto de múltiples relaciones construidas entre el Colectivo CEETAS de Investigadores, movimientos sociales, colectivos de agroecología y la comunidad académica de la FCT/UNESP.

Palabras-clave: Agroecología. Experiências. Trabajo colectivo. Resistência. Prática agroecológica.

SYNTHESE

Le présent travail a pour objectif de décrire certaines expériences agroécologiques développées dans la région du Pontal do Paranapanema, État de São Paulo, Brésil. Pour ce faire, des analyses de bibliographies disponibles dans des répertoires, des appels à financement, des projets de recherche, ainsi qu'un engagement direct auprès de différentes expériences agroécologiques ont été réalisées, ce qui a permis d'identifier un ensemble significatif de ces initiatives. Bien que les facteurs ayant donné naissance à ces expériences aient émergé dans des contextes distincts, l'agroécologie se présente, à un moment donné, comme un outil de résistance et de confrontation mobilisé par divers acteurs — chercheurs, militants et paysans — dans de multiples dimensions, telles que la production, la commercialisation et la recherche. Dans ce sens, comme horizon d'observation et d'application lié à ces expériences, le Quintal Agroécologique est présenté, fruit de multiples relations construites entre le Collectif CEETAS de Chercheurs, les mouvements sociaux, les collectifs d'agroécologie et la communauté académique de la FCT/UNESP.

Mots-clés : Agroécologie. Expériences. Travail collectif. Résistance. Pratique agroécologique.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Autores e obras que contribuem para entendimento do pensamento agroecológico	25
Quadro 2 - Bibliografias que apontam a agroecologia como forma ou conteúdo no curso de Geografia, da FCT/UNESP (2016-2025)	27
Quadro 3 - Experiências em Agroecologia (2000-2017)	32
Quadro 4 - Experiências em Agroecologia (2017-2023)	43
Quadro 5 - Espécies introduzidas no Quintal Agroecológico, em janeiro de 2024	45
Quadro 6 - Atividades realizadas no Quintal Agroecológico com ampla divulgação (2024-2025)	60

Lista de Figuras

Figura 1 -	Capa do livro publicado no encerramento do projeto	50
Figura 2 -	Automóvel conquistado pelo coletivo para desenvolvimento das atividades e para a FCT/UNESP	51
Figura 3 -	Imagem do Prédio do CEETAS	52
Figura 4 -	Progressão da Cana-de-açúcar na região do Pontal do Paranapanema (2003-2016)	53
Figura 5 -	Localização dos Prédio e do Quintal Agroecológico, na FCT/UNESP	57
Figura 6 -	Primeira semeadura no espaço do Quintal Agroecológico	58
Figura 7 -	Após a inserção da adubação verde e início das primeiras experiências de cultivo (2024)	59
Figura 8 -	Imagem dos extratos de Crotalaria – Spectabilis e Ochroleuca	60
Figura 9 -	Implantação do Sistema Agroflorestal, no espaço do Quintal Agroecológico (2024)	63
Figura 10 -	Coletivo de construção do Sistema Agroflorestal, no Assentamento Porto Maria-Rosana-SP	64
Figura 11 -	Imagem atual do Sistema Agroflorestal, no Quintal Agroecológico (2025)	65
Figura 12 -	Horta em espiral após implementação	66
Figura 13 -	Coletivo envolvido na implantação da Horta espiral (2024)	67
Figura 14 -	Imagem por drone da Horta Mandala, em 2025.....	68
Figura 15 -	Visita dos alunos da disciplina de Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas – PRAD (2024)	69
Figura 16 -	Foto coletiva após plantio	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB	Associação de Geógrafos Brasileiros
APAR	Associação de Produtores Assentados do Rodeio
ARCA	Associação Regional de Cooperação Agrícola
ASS	Assentamentos
CEGeT	Centro de Estudos em Geografia do Trabalho
CEETAS	Centro de Estudos em Educação, Trabalho, Ambiente e Saúde
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COCAMP	Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma Agrária do Pontal do Paranapanema
CSA	Comunidade que Sustenta a Agricultura
ENFF	Escola Nacional Florestan Fernandes
FCT	Faculdade de Ciências e Tecnologia
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ITESP	Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo
JURA	Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MPT	Ministério Público do Trabalho
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra
NEA's	Núcleo de Estudos em Agroecologia
NEAPO	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Agroecologia
NERA	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Projetos de Reforma Agrária
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PROAPO	Programa de apoio a Agroecologia e Produção Orgânica
PRONERA	Programa Nacional de Educação e Reforma agrária
UNESP	Universidade Estadual Paulista

Sumário

1	Apresentação	15
2	Introdução	17
3	Procedimentos Metodológicos	18
4	Breve histórico da Agroecologia e o Movimento Agroecológico no Pontal do Paranapanema	
4.1	Caminhos para a Agroecologia.....	21
4.2	Linhas teóricas da agroecologia.....	23
4.3	Agroecologia em Movimento.....	26
5	Coletivos CEETAS e Experiências de Agroecologia	
5.1	Construção do Projeto temático.....	49
5.2	Impacto do Agrohidronegócio.....	52
5.3	Experiências contra-hegemônicas.....	54
5.4	Estabelecimento do Prédio do CEETAS e a Sustentabilidade.....	55
6	Construindo o Quintal Agroecológico e encarando os desafios para cultivar	
6.1	Delimitação do Quintal Agroecológico.....	56
6.2	Implementação do Quintal – da teoria a prática.....	57
6.3	Experiências agroecológicas e as práticas da agricultura.....	62
6.3.1	Inserção do Sistema Agroflorestal (SAF).....	62
6.3.2	Oficina da horta em Espiral.....	65
6.3.3	Horta Mandala.....	67
6.3.4	Discentes do Curso de Engenharia Ambiental.....	68
6.4	O dia a dia do Quintal Agroecológico	70
	Considerações Finais	73
	Referências bibliográficas	74
	Anexos	82

1. Apresentação

Durante minha trajetória na universidade, tive a oportunidade de conhecer e contribuir para a construção de diversas pesquisas e atividades relacionadas à agroecologia, mesmo antes de compreender que esse campo de saber e prática viria a orientar de forma decisiva meus percursos acadêmicos, bem como minhas escolhas de vida e de trabalho no cotidiano.

Ao ingressar na universidade, em 2016, logo me deparei com uma feira de pequenos produtores, organizada pela II Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA). Esse encontro foi muito significativo para mim. Como filho de camponeses assentados, ver ali a representação viva de uma realidade tão próxima à minha trouxe um profundo sentimento de identificação. Além disso, as pessoas que conheci naquele espaço se tornaram fundamentais para minha formação não apenas acadêmica, mas também humana.

A seguir, muito influenciado pela JURA e por acessar meu primeiro auxílio socioeconômico, oferecido pela universidade como permanência estudantil, tive a oportunidade de me envolver no Centro de Estudos em Geografia do Trabalho (CEGeT) e ao Centro de Estudo em Educação, Trabalho, Ambiente e Saúde (CEETAS), sendo inserido ao projeto temático que estava sendo desenvolvido, integrando-me a uma das equipes, a Equipe dos Pepinos. O objetivo dessa, era analisar o pacote agrícola de cultivo de pepinos para conserva, acessados por famílias camponesas assentadas da região do Pontal do Paranapanema (SP), como forma de geração de renda na ausência de políticas fundamentais ao escoamento de sua produção e a subordinação dessas famílias para com a empresa que fornecia esse pacote, a Refricon Mercantil, empresa brasileira do ramo alimentício. Nesse cenário temos também a cadeia produtiva do leite, principal forma de renda das famílias camponesas assentadas, porém com suas regras e preços sendo definidos pelos laticínios e com pouca influência de formas de organização das próprias famílias, organização que é inexistente.

Ainda em 2016, após o golpe-impeachment que destituiu a presidenta eleita Dilma Rousseff, presenciemos não apenas os ataques direcionados a ela, mas também o desmonte das políticas públicas que seu governo defendia ou ao menos administrava. Nesse período, uma série de reformas foi implementada pelo governo que assumiu o poder, entre elas a Reforma da Previdência, a PEC 55 e a Reforma

Trabalhista. De forma ainda mais significativa para as famílias camponesas assentadas em todo o Brasil, como evidenciado nas pesquisas em andamento na região do Pontal do Paranapanema, ocorreu o desmantelamento do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que até então havia desempenhado papel central no escoamento da produção e na garantia de renda dessas famílias.

Como resultado dessas pesquisas, e a partir do diálogo construído com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com famílias camponesas e com a Associação Regional de Cooperação Agrícola (ARCA), nos municípios de Euclides da Cunha e Rosana (SP), tive, ainda em 2016, a oportunidade de contribuir para a construção de uma importante experiência de comercialização de alimentos agroecológicos. Esses produtos, antes destinados às compras institucionais do PAA, diante do desmonte do programa e da perda de mercado, passaram a ser organizados em uma nova forma de escoamento: as Cestas Agroecológicas e Solidárias “Raízes do Pontal”. Embora tímida em alcance naquele momento, essa iniciativa, ainda que simbólica, representou uma alternativa concreta de resistência e manutenção da renda camponesa.

A partir dessa experiência, fica evidente que o ano de 2016 não foi fácil para as organizações camponesas - associações e cooperativas, que dependiam quase exclusivamente do PAA. Diante desse cenário, movido não por satisfação, mas por compromisso político, optei por direcionar minhas pesquisas e projetos para os assentamentos de reforma agrária. Passei a integrar espaços de debate, como eventos científicos, e iniciativas de organização, como feiras e cestas agroecológicas, que buscavam questionar tanto os pacotes de sistemas produtivos de integração¹ por empresas como a Refricon, quanto a ausência de políticas públicas voltadas às famílias camponesas, em contraste com os benefícios oferecidos aos grandes produtores do agronegócio.

Foi nesse contexto que a Agroecologia se consolidou, para mim, como uma bandeira de luta, por reunir significativos questionamentos e apresentar modelos de produção mais justos, economicamente viáveis e efetivamente sustentáveis, capazes

¹ Pacotes de integrados ou de integração, o conjunto de bioinsumos, sementes e demais produtos que seriam necessários para a produção, bem como, o fornecimento de diárias para as famílias para contratar mão-de-obra e/ou maquinário necessário, cedido pela empresa e descontado na colheita da produção. (Silva, 2024).

de romper com a lógica de produção campo pelo agronegócio e o modo capitalista de produção.

2. Introdução

A partir desse contexto, este trabalho tem como um de seus objetivos construir um percurso analítico que permita identificar e sistematizar referências sobre experiências em agroecologia na região do Pontal do Paranapanema e afins. Para tanto, são apresentadas diversas produções bibliográficas elaboradas na forma de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), dissertações e/ou teses, todas desenvolvidas no Curso de Geografia (Bacharelado), do campus da FCT/UNESP, que venham a ser norteadas ou apresentar em alguma escala ou ponto a agroecologia.

Além disso, tomam-se como referência os estudos e levantamentos de experiências em agroecologia realizados por Rabello (2018) e Silva (2024), igualmente voltados à realidade do Pontal do Paranapanema. A essas análises somam-se experiências mais recentes, que abrangem desde práticas agroecológicas concretas, como aquelas desenvolvidas pelo Coletivo Saruê e pelo Quintal Agroecológico no campus da FCT/UNESP.

Nesse sentido, o trabalho está organizado em três capítulos:

O primeiro apresenta um panorama das experiências agroecológicas desenvolvidas e territorializadas no Pontal do Paranapanema, desde o início dos anos 2000, a partir de levantamento bibliográfico que inclui teses e dissertações. A princípio, as monografias também entrariam nesse levantamento, porém, existe inconsistência para o levantamento desses trabalhos, isso se deve ao fato de, mesmo que alguns trabalhos tenham sido defendidos, sua versão final não foi depositada no repositório da instituição. Esse capítulo também apresenta alguns autores que orientaram seus trabalhos a partir da agroecologia e/ou são grandes referências na área.

O segundo capítulo dedica-se à análise da experiência do Centro de Estudos em Educação, Trabalho, Ambiente e Saúde - CEETAS, centro de pesquisas em Geografia voltado à compreensão dos impactos da produção canavieira e do agrohídronegócio na região, que durante o seu período de atuação, enquanto projeto de pesquisa, encontrou outras experiências voltadas a construção de relações e práticas contra hegemônicas, pautadas na sustentabilidade e na agroecologia, articulando pesquisa crítica e ação territorial.

Já o terceiro capítulo apresenta a experiência do Quintal Agroecológico, localizado nas imediações do prédio do CEETAS. Esse espaço é resultado de ações sustentáveis desenvolvidas pelo coletivo ao longo de suas atividades de pesquisa e extensão, constituindo-se como um território de práticas integralmente baseadas na agroecologia, tanto em suas formas de manejo quanto nas parcerias construídas com outros coletivos e iniciativas, demonstrando para sociedade por meio de visitas de escolas, disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação e toda a comunidade, sobretudo, nos mutirões de plantio e de manejo.

Por fim, a partir da apresentação, salientar a importância deste movimento agroecológico para a realidade das famílias que produzem agroecologia, para as atividades que tem a agroecologia como bandeira e para aqueles que a conhecem e passam a integrar o movimento agroecológico

3. Procedimentos Metodológicos

Como ponto de partida, este trabalho tem por objetivo a construção de um memorial descritivo das ações de agroecologia no campus da FCT/UNESP. Para isso, adotamos como caminho inicial o levantamento bibliográfico de pesquisas e projetos desenvolvidos na localidade nos últimos dez anos, período em que se consolidam a maioria das iniciativas e alternativas de comercialização de alimentos na região, conforme apontam Rabello (2017), Matheus (2023), Silva (2024) e Prado (2024).

A partir dos trabalhos mencionados e levantamento de experiências buscamos compreender o contexto de surgimento de cada uma delas, bem como seu potencial para a construção e o fortalecimento de um *movimento agroecológico*² no âmbito da FCT.

Esse processo de levantamento das experiências também nos permitirá mapear suas formas de atuação e territórios de incidência, possibilitando entender como se organizam e como se relacionam com o público do entorno, sobretudo nas iniciativas de caráter prático. No caso das pesquisas acadêmicas, compreendemos que sua atuação se direciona principalmente ao público universitário, embora em escalas e formas distintas e, muitas vezes de maneira indireta, como por meio de

² Movimento Agroecológico é o processo de organização de diversos sujeitos do campo e da cidade que propõe estratégias baseadas na agroecologia em contraposição à lógica industrial de produção. Essas estratégias não se limitam a questões de produção e incluem a comercialização, a cultura, as formas organizativas e a saúde, bem como as denúncias que o modelo de agricultura convencional proporciona (Valadão; Moreira, 2021).

conquistas que permanecem para a instituição, seja na sistematização de conhecimentos, seja na produção de materiais de uso.

4. Breve histórico da Agroecologia e o Movimento Agroecológico no Pontal do Paranapanema - SP.

A partir da década de 1970, intensificou-se o debate sobre os modelos produtivos para a agricultura, especialmente em função da expansão da chamada Revolução Verde. Esse modelo, então considerado o mais moderno e tecnológico, baseava-se na mecanização, no uso intensivo de insumos químicos industrializados e de sementes geneticamente modificadas. No entanto, paralelamente a esse processo, outros referenciais de agricultura já vinham sendo desenvolvidos, propondo caminhos distintos e sustentáveis.

Entre esses sistemas, destaca-se a Agricultura Orgânica, inspirada nos estudos do botânico inglês Albert Howard no início do século XX; a Agricultura Biodinâmica, formulada por Rudolf Steiner na década de 1920; e a Agricultura Natural, difundida a partir da década de 1930 por pensadores como Mokiti Okada e Masanobu Fukuoka, entre outros. Esses modelos agrícolas valorizavam a saúde do solo, o equilíbrio ecológico e a produção sem o uso de insumos químicos sintéticos, incorporando, em alguns casos, a consideração da influência dos astros e dos movimentos da Terra sobre os processos agrícolas. Tais experiências constituíram bases fundamentais para o desenvolvimento posterior da agroecologia.

Porém, apesar de essas agriculturas alternativas ainda existirem e resistirem, a agricultura produzida pela Revolução Verde criou muito laços e subordinou o entendimento de grande parte da sociedade, creditando a agricultura do agronegócio como a representante e/ou único tipo de agricultura possível.

Nesse processo, surge a agroecologia como modelo produtivo antagônico no modelo do agronegócio, potencializada nos espaços de pesquisa e sobretudo pelos movimentos sociais diretamente impactados pelo modelo da agricultura da Revolução Verde. Além do objetivo de romper com esse pensamento hegemônico de agricultura, tem-se como caminho ser economicamente viável, sustentavelmente construído e gerador de dignidade para quem produz e para quem consome.

A partir disso, entre os objetivos deste trabalho estão a construção de um manual de referências das experiências em agroecologia na escala regional do Pontal do Paranapanema, tomando como base os estudos e mapeamento de experiências em agroecologia feitas por Rabello (2018) e Silva (2024). A esse levantamento somam-se experiências mais recentes, que vão desde práticas agroecológicas concretas - como aquelas desenvolvidas pelo Coletivo Saruê e pelo Quintal

Agroecológico no campus da FCT/UNESP, até projetos de pesquisa orientados pela temática da agroecologia ou que se debruçam analiticamente sobre ela.

4.1 Caminhos para a Agroecologia.

Ao longo da história, podemos encontrar diversas nomenclaturas para identificar determinado tipo de agricultura em cada local ou circunstância em que ela está sendo produzida, sejam elas de pequena ou grande produção, sejam as praticadas nas zonas rurais e urbanas e/ou as com pouca ou baixas tecnologias.

Com isso, quando olhamos para a história mais recente, foi a partir do fim da II Guerra Mundial (1939-1945), mais precisamente a partir da década de 70, com o avanço da Revolução Verde e de sua proposta de modernização no campo, ganharam força em níveis de disputas geopolíticas diferentes nomenclaturas nos principais centro globais, bem como nos países do terceiro mundo, esse últimos grandes locais de produção

Se por parte do modelo da Revolução Verde obtivemos a inserção das tecnologias a partir dos tratores/máquinas, de insumos e das sementes transgênicas, de outra maneira tínhamos o que ficou descrito por Fonseca (2009), como “*Agriculturas Alternativas*”, modelos que vinham a se contrapor ao modelo da Revolução Verde, a partir de formas de produção diferentes e visão de mundo opostas ao seu modelo.

De acordo Fonseca (2009):

A denominação agricultura alternativa foi adotada nos anos 70 e 80 por falta, à época, de denominação mais específica e precisa, já que não significava modelo ou conjunto de técnicas, mas sim o conjunto de movimentos alternativos em torno de formas não industriais de agricultura. Esses movimentos remontam ao aparecimento da agricultura industrial, no início do século XX, época em que se introduziram na Europa Ocidental e na América do Norte as práticas para a disseminação da Revolução Verde. (FONSECA, 2009, pag.18)

A partir disso, dentro do cenário de “alternativas”, temos os agroecossistemas denominados orgânico, biodinâmico, natural, regenerativo, ecológico, biológico, agroecológico e da permacultura. (FONSECA, 2009, p. 18).

Ainda de acordo com Fonseca (2009):

Ainda assim, os representantes da agricultura industrial argumentavam que essas denominações eram incorretas, pois, mesmo com o uso dos insumos industriais, os processos biológicos e

os processos orgânicos não deixavam de acontecer. (FONSECA, 2009, pag.18)

No circuito desses debates, nas diversas arguições se esses modelos eram bons ou ruins, se eficazes ou ineficazes. Como afirma o autor Fonseca, 2019):

Essa polêmica chegou aos tribunais europeus (Alemanha). Aparentemente, os “orgânicos” conseguiram garantir a denominação agricultura orgânica como exclusividade do modelo de agricultura não industrial, reconhecido e registrado em normas internacionais e regulamentos técnicos nacionais. (Fonseca, 2019, p. 18).

Nesse contexto, a discussão sobre os alimentos orgânicos ganha espaço e passa a ocupar parte central no cenário global, sendo difundidos como a representação produtiva dos alimentos saudáveis. Entretanto, as chamadas agriculturas alternativas, que já eram debatidas anteriormente, continuaram a ser pautadas mesmo no interior do debate sobre a produção orgânica. Isso porque se entendia que a denominação “*orgânico*” era insuficiente para sustentar a discussão mais ampla sobre alimentação saudável. Além disso, observava-se que o conceito de alimento orgânico estava sendo apropriado, inclusive, pelo próprio ideal de mercado da Revolução Verde, principalmente visando lucro a partir do nicho de mercado que orgânico viria a alcançar.

Nesse sentido, mas do que garantir acesso aos alimentos de qualidade e diversos, associados às práticas ecologicamente sustentáveis que se esperava, pela própria lógica produtiva da Revolução Verde sob produção em grandes áreas, em larga escala e baseadas em tecnologias avançadas, produzia-se e se produz mais em quantidade em detrimento da diversidade e qualidade. a exemplo o agronegócio brasileiro e sua produção de commodities. De acordo com Piñeros Lizarazo (2018):

Portanto, o capital tem utilizado o discurso da economia verde para controlar cultivos que possam ser flexibilizados entre os mercados internacionais de alimentos para humanos (food) e animais (feed) e de agrocombustíveis (fuel e fibres). (PIÑEROS LIZARAZO, 2018, pag. 30)

É nesse cenário que surge a ideia de Agroecologia atuando dentro do espectro das agriculturas alternativas, mas que, embora atrelada às formas sustentáveis de produção, tem como foco romper e tecer duras críticas ao modelo da Revolução Verde. A Agroecologia surgiu a partir de diversas críticas da sociedade civil às implicações sociais, econômicas e ambientais ocasionadas pela estratégia de

modernização da agricultura. (LOPES et al, 2015, pág. 2). Nesse processo ela se consolida como base teórica, política e prática de uma forma de produção consciente, voltada às demandas reais da oferta de alimentos saudáveis, ao uso sustentável dos recursos naturais e à proposta de ruptura com o modelo hegemônico de produção.

4.2 Linhas teóricas da agroecologia

A agroecologia e o movimento agroecológico têm ganhado cada vez mais força ao longo dos anos. Seu objetivo, porém, vai muito além da realização de pequenos experimentos em vasos ou canteiros. Hoje, fala-se em hortas comunitárias em bairros urbanos, em lotes de reforma agrária conduzidos de forma agroecológica e até em fazendas inteiramente estruturadas a partir desses princípios. Sem desmerecer iniciativas de menor escala, é importante reconhecer que, por questionar a ampla difusão do modelo da Revolução Verde, a agroecologia precisa enfrentar diversas contradições e desafios colocados por esse sistema hegemônico.

Nesse contexto, a ideia de transição agroecológica emerge como um processo formativo e político, voltado a suprir demandas sociais e, sobretudo, a desconstruir concepções equivocadas ainda muito disseminadas - como a crença de que não é possível produzir sem agrotóxicos ou sem insumos químicos industriais.

De um lado, cresce o interesse social por alimentos saudáveis e livres de venenos, de outro, recai sobre os sujeitos que constroem o movimento agroecológico a responsabilidade de não apenas dominar as metodologias produtivas - como o uso de bioinsumos, a adubação verde e o manejo ecológico do solo, mas também de se apropriar de um aporte teórico e formativo que sustente a compreensão do que a agroecologia e o que ela pode oferecer.

Para isso, diversos pensadores vêm articulando teoria e prática, contribuindo para fortalecer o horizonte do “sonhar agroecológico”, que, apesar das dificuldades, se torna cada vez mais urgente. Tal perspectiva é fundamental para enfrentar os impactos do modelo produtivo hegemônico, que, no seu desenvolver produtivo tem como resultado assoreamento de mananciais corpos hídricos, a contaminação por agrotóxicos e a perda acelerada da fauna e da flora, entre outros, elementos essenciais para a nossa existência, que consequentemente afetam a dinâmica social e à saúde humana.

Entre os pensadores e pensadoras que contribuíram para a consolidação da agroecologia, temos por exemplo Ana Primavesi, agrônoma austríaca que viveu no

Brasil até seu falecimento em 2020. Primavesi exerceu papel fundamental na construção do movimento agroecológico, especialmente a partir de seus estudos sobre a dinâmica dos nutrientes no solo e a relação direta entre a saúde do solo e das plantas. Para a autora, “o segredo da vida é o solo”, pois dele dependem as plantas, a água, o clima e, conseqüentemente, a própria existência humana. Em sua compreensão, a vida age como uma teia, de modo que o cuidado com o solo representa o ponto de partida para sistemas produtivos equilibrados e sustentáveis.

Para Machado e Machado Filho, autores do livro *A Dialética da Agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno* (2014), nos oferecem uma definição da agroecologia que combina prática ecológica com crítica ao modelo industrial convencional e à Revolução Verde. Na perspectiva desses pensadores, inclusive pai e filho, a agroecologia não é apenas um conjunto de técnicas agrícolas, como nos apresenta os manuais agronômicos e agrônomos do agronegócio e do modelo capitalista de agricultura, mas sim um método e processo de produção que resgata saberes tradicionais (resgate aos conhecimentos ancestrais) e incorpora avanços científicos de forma integrada, visando produzir alimentos livres de químicos, sem o uso de agrotóxicos em sua escala produtiva.

Para Miguel Altieri, um dos principais formuladores da agroecologia contemporânea, a agroecologia é uma ciência que aplica princípios ecológicos ao desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. Partindo do entendimento de que a agricultura deve funcionar em harmonia com os processos naturais, Altieri defende que a agroecologia busca otimizar as interações entre solo, plantas, animais, água, clima e seres humanos, promovendo sistemas produtivos que conservem a biodiversidade, regenerem a fertilidade do solo e sejam energeticamente eficientes. Para ele, um agroecossistema verdadeiramente sustentável é aquele que reduz a dependência de insumos externos, valoriza os recursos locais, fortalece a resiliência ecológica e respeita o conhecimento tradicional dos agricultores, especialmente dos povos indígenas e camponeses.

A seguir (Quadro 1), apresentamos mais algumas das leituras que tem contribuído com a análise, entendimento e aplicação do pensamento agroecológico.

Quadro 1: Autores e obras que contribuem para entendimento do pensamento agroecológico.

Autor	Ano de Publicação	Publicação
Albert Howard	1940	<i>An Agricultural Testament</i>
	1947	<i>The Soil and Health</i>
Ana Maria Primavesi	1964	<i>A Biocenose do Solo na Produção Vegetal</i>
	1982	<i>Manejo Ecológico do Solo – A Agricultura em Regiões Tropicais</i>
	1997	<i>Agroecologia: Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura</i>
	2016	<i>Manual do Solo Vivo – Diagnóstico e Recuperação</i>
	2016	<i>Solo Vivo: Vida e Saúde do Solo</i>
Caporal & Costabeber	2004	<i>Extensão Rural e Agroecologia</i>
	2007	<i>Agroecologia: princípios e reflexões para uma nova ciência</i>
Clara I. Nicholls	2012	<i>Managing Biodiversity in Agricultural Ecosystems</i>
	2018	<i>Agroecología y Resiliencia al Cambio Climático</i>
Eduardo Sevilla Guzmán	2001	<i>Ecología Política y Agroecología</i>
	2010	<i>Por uma Sociologia da Agroecologia</i>
Fernando Funes	2002	<i>Agricultura Sostenible: Un Enfoque Cubano</i>
	2018	<i>Revolución Agroecológica: El Movimiento de Campesino a Campesino en Cuba</i>
Luiz Carlos Pinheiro Machado e Machado Filho	2014	<i>A Dialética da Agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno</i>
Masanobu Fukuoka	1978	<i>A Revolução de Uma Palha</i>
	1985	<i>The Natural Way of Farming</i>

Miguel Altieri	1995	Agroecology: The Science of Sustainable Agriculture
	2000	<i>Agroecology: Principles and Strategies for Sustainable Agriculture; Agroecología: Teoría y Práctica para una Agricultura Sustentable</i>
	2001	<i>Agroecology and the Search for a Truly Sustainable Agriculture</i>
	2002	<i>Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável</i>
	2003	<i>Biodiversidad y manejo de plagas en agroecosistemas</i>
	2004	Biodiversidad y manejo de plagas en agroecosistemas
	2008	Agroecologia e Agricultura Camponesa
	2012	Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável
Paulo Petersen	2009	Agricultura Familiar e Agroecologia no Brasil
	2013	Construção Social da Agroecologia
Rudolf Steiner	1924	Agricultura Biodinâmica: Curso Agrícola
Stephen R. Gliessman	2015	Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems
	2021	Transforming Food Systems with Agroecology
Vandana Shiva	1993	Monoculturas da Mente
	2005	O Futuro da Comida
	2008	Quem Alimenta o Mundo?
Victor Manuel Toledo	2008	La Memoria Biocultural
	2015	Ecología, Espiritualidad y Conocimiento

Fonte: Acervo pessoal/2024.

Organizado pelo autor.

4.3 Agroecologia em Movimento

Dentro do contexto apresentado anteriormente, tomemos como recorte geográfico a região do Pontal, onde nos últimos 30 anos foram desenvolvidas ações

articuladas entre MST, Universidades e outros parceiros, desenvolvendo de forma integrada práticas agroecológicas e, ao mesmo tempo, enfrentando os desafios da implantação desse modelo produtivo.

Sendo assim, por meio de pesquisas junto ao repositório de bibliografias (teses, dissertações e monografias) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), pudemos encontrar algumas dezenas de trabalhos com o objetivo de apresentar, desenvolver ou identificar a agroecologia e seus desdobramentos na realidade da região.

Quadro 2: Bibliografias que apontam a agroecologia como forma ou conteúdo (2016-2025).

Autor	Título	Ano
Teses		
Adolfo da costa oliveira neto	Territórios subordinados: análise da política de desenvolvimento territorial a partir da produção de óleo de palma pela Agropalma em assentamentos de reforma agrária no Pará	2017
Carlos Maximiliano Macias Fernandes	O processo de transnacionalização dos movimentos socioterritoriais: estudo das transterritorialidades da via campesina sobre as proposições de agroecologia e soberania alimentar no confronto político	2018
Diego pessoa França	Conflitos territoriais e resistência da totalidade do trabalho frente ao agrohidronegócio fruticultor nas áreas de expansão dos perímetros irrigados no semiárido nordestino	2018
Elienai Constantino Gonçalves	Zoneamento territorial para a cana-de-açúcar no estado de São Paulo: uma proposta crítica aos zoneamentos oficiais	2018
Estevan Leopoldo de Freitas Coca	A soberania alimentar através do estado e da sociedade civil: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no Brasil e a rede Farm to Cafeteria Canada (f2cc), no Canadá	2016

Fernando veloso	Redes locais e mercados institucionais de compra da agricultura familiar nos municípios de adamantina, Paulicéia e Tupi Paulista (SP)	2017
Guilherme Magon Whitacker	Desenvolvimento sustentável: decifra-me ou te devoro análise sobre o desenvolvimento sustentável no modo de produção capitalista	2017
João Vitor Gobis Verges	Mudanças climáticas no Brasil: movimentos sociais e assentamentos rurais de reforma agrária no Pontal do Paranapanema-SP	2017
José Sobreiro Filho	Contribuição à construção de uma teoria geográfica sobre movimentos socioespaciais e contentious politics: produção do espaço, redes e lógica racionalidade espaço-temporal no Brasil e Argentina	2016
Raphael Fernando Diniz	Diálogo de saberes ou monólogo do conhecimento? Ação extensionista e políticas de desenvolvimento rural no vale do jequitinhonha mineiro	2018
Ana Lucia Teixeira Tabuti	Construindo uma nova geração camponesa: Estratégias de resistência e reprodução socioterritorial do campesinato em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema	2019
Camila Ferracini Origuela	Território e territorialidades em disputa: subordinação, autonomia e emancipação do campesinato em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul	2019
Lorena Izá Pereira	"A Tríplice Aliança continua sendo um grande êxito": os regimes de controle do território paraguaio (1870-2019)	2019
Valmir José de Oliveira	Agonia da comida: da expansão da cana-de-açúcar ao movimento da produção e	2019

	distribuição de hortifrútiis no estado de São Paulo (2006-2017)	
Larissa de Paula Coutinho	A bela flor do/no campo: por uma geografia de gênero e (r)existência em assentamentos rurais do interior de São Paulo	2020
Paulo Roberto Rosa	Impactos da implantação de unidades industriais sucroenergéticas no desenvolvimento: o caso dos municípios de Mirante do Paranapanema/SP e Narandiba/SP	2020
Jânio Gomes Carmo	Diversidade da agricultura urbana e periurbana em Barretos (SP) e sua marginalização pelas políticas públicas	2021
Jessica de Sousa Baldassarini	As crises da relação sociedade-natureza: um diálogo em busca das (re)conexões	2021
Larissa Moreno Tavares	A nova ordem sociometabólica da produção pesqueira no Brasil: as formas de controle do trabalho e da natureza versus as formas de resistências dos(as) trabalhadores(as).	2021
Maiara Tavares Sodré	A unidade múltipla do desenvolvimento no espaço rural de Pelotas/RS: a ideia, os projetos e os processos	2021
Carlos Eduardo Ribeiro Rocha	Produção territorial do conflito agrário no Tocantins do século XXI: terra, território, expansão do capital e violência no campo	2022
Diogenes Rabello	Práticas agroecológicas e saberes tradicionais na produção de alimentos"	2023
Fernanda Aparecida Matheus	Agroecologia como movimento socioterritorial um estudo sobre circuitos curtos de comercialização e reforma agrária popular no estado de São Paulo	2023
Hellen Carolina Gomes Mesquita da Silva	A luta pela terra tem rosto de mulher: espaços da auto-organização e da reprodução social	2023

Sidney Cassio Todescato Leal	Resistência camponesa, construção da consciência/ pertencimento a classe trabalhadora nos assentamentos rurais do pontal do Paranapanema-SP	2023
Aline Albuquerque Jorge	Albuquerque. A produção de territorialidades subalternas e emancipadoras em assentamentos de reforma agrária do MST no Paraná	2024
Ângela dos Santos Machado	A formação dos mercados da reforma agrária popular pelo MST no Brasil (2003-2023)	2024
João Paulo de Oliveira Pimenta	Apropriação do relevo no Pontal do Paranapanema - São Paulo: subsídios para um reordenamento territorial socioambientalmente sustentável	2024
Lara Dalperio Buscioli	Paradigmas e estratégias do MST para o desenvolvimento de territórios agroecológicos	2024
Leandro Nieves Ribeiro	A territorialidade discursiva liberal- conservadora: O caso dos think tanks ultraliberais e sua discursividade na questão agrária no Brasil	2024
Lidiana de Pinho Mendes	Prosas do tempo e o clima da vida cotidiana: : um estudo sobre experiências do clima em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema/SP/BR	2024
Marcia Arteaga Pertuz	. Mujeres en lucha: por la defensa de la vida y la tierra en América latina y el Caribe: perspectivas desde Brasil y Colombia	2024
Raisa Maria de Sousa Regala	“Djubi pa dianti ku speranza bu vitória na bin”: as lutas e resistências das mulheres camponesas, a ancestralidade e a promoção da saúde na Guiné-Bissau	2024

Fernando Freitas de Almeida	Sistema Alimentar Camponês e as práticas agroecológicas nos assentamentos Ipanema e Bela Vista de Iperó/SP	2025
Dissertações		
Leandro Nieves Ribeiro	POR UMA REBELDIA MUNDIAL: Formação e Ação Territorial da Via Campesina no Brasil	2016
Lara Dalperio Buscioli	Impactos e resistências no processo de estrangeirização de terras em Rio Brilhante (MS): o caso dos projetos de assentamentos federais São Judas, Margarida Alves, Silvio Rodrigues e do território indígena Laranjeira Ñanderu	2016
Sidney Cassio Todescato Leal	A dinâmica territorial do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no Pontal do Paranapanema-SP no contexto dos conflitos	2017
Gabriela Donaton	A produção orgânica no município de Piracaia-SP e a relação produtor-consumidor: o caso da Associação Piracaia Orgânica	2018
Diogenes Rabello	Camponeses assentados e as práticas agroecológicas no contexto do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP)	2018
Luciano Benini de Oliveira	(E)Integrados ao veneno: Subordinação e resistência dos camponeses do Pontal do Paranapanema na produção de pepinos em conserva	2019
Angela dos Santos Machado	A reestruturação produtiva canavieira e as implicações para a saúde dos trabalhadores assentados no Pontal do Paranapanema (SP)	2020
Audrey Ferreira Rosa	As particularidades da agricultura urbana e periurbana (AUP) em Presidente Prudente/SP	2020

Carolina Russo Simon	A Promoção da Saúde, Feminismo e Contraespaço: mulheres camponesas e suas lutas para se manterem vivas	2020
Franciele Aparecida Valadão	Mulheres camponesas: construindo resistências através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária	2020
Gustavo Henrique Pereira da Silva	Os efeitos de áreas agrícolas urbanas na intensidade das ilhas de calor em Florianópolis - SC	2020
Bruna Trevisan Negri	Agricultura urbana e periurbana em Regente Feijó/SP: análise de suas particularidades e comparação com o caso de Centre Wellington/ON - Canadá	2022
Maria Aparecida Martins dos Santos	Do barraco de lona preta ao lenço vermelho: o processo da luta pela terra por meio da memória das mulheres no Pontal do Paranapanema	2023
Lucas Araújo Miranda	Agricultura urbana agroecológica na cidade de São Paulo: o caso das mulheres do grupo de agricultura urbana	2024
Fonte: Repositório de Dissertações e Teses - FCT/UNESP (2025) Organizado pelo autor		

Dessa forma, tomemos como referência a obra de Rabelo (2018), onde o autor buscou descrever as ações de agroecologia desenvolvidas de forma direta, na inserção de projetos de organização, produção ou comercialização agroecológica ou como norteadora das suas linhas de trabalho em diferentes atividades realizadas na região do Pontal do Paranapanema-SP, entre 2001 e 2017 (Quadro 3).

Quadro 3: Experiências em agroecologia (2000-2017).

Projeto Café com Floresta.

O Projeto Café com Floresta, que iniciou em 2001 tendo como público-alvo as famílias camponesas assentadas do Pontal do Paranapanema, teve como objetivo

geral a implementação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), associando o café com o cultivo de culturas anuais como feijão, milho, mandioca e espécies de árvores nativas (Mata Atlântica). O projeto foi proposto e desenvolvido pela Fundação IPÊ, com subsídio financeiro do Programa Microbacias II. Este foi o primeiro grande projeto para incentivo à agroecologia no Pontal do Paranapanema, e ele é um dos responsáveis pela difusão das práticas e saberes agroecológicos. É importante pontuar que como primeira experiência ele serviu como inspiração e modelos para os demais projetos que surgiram ao longo do tempo.

Cursos de Agroecologia.

No Pontal, o MST tem feito um grande esforço para oferecer incentivo e apoio aos jovens camponeses para formação em agroecologia. Nestes últimos anos foram surgindo algumas possibilidades para estes jovens cursarem alguns cursos no âmbito do PRONERA. Dois dos cursos que mais mobilizaram jovens foram o de Tecnólogo em Agroecologia (2007), oferecido pela Unicamp em parceria com FATEC/Presidente Prudente, e o de Técnico em Agroecologia (2015). Ambos foram realizados com base na metodologia da Pedagogia da Alternância, e isso foi um dos fatores que possibilitaram o envolvimento destes jovens com o curso e o desenvolvimento de práticas agroecológicas em suas comunidades. Além destes dois cursos, outros possibilitaram a formação em agroecologia, como o curso de Agroecologia da Escola Milton Santos (Londrina/PR), da Escola Latino-Americana de Agroecologia (Lapa/PR) e de Agronomia com ênfase e, Agroecologia (Erechim/RS).

Início das atividades da Base de Serviços para Agroindústria no Pé de Galinha.

A Base de Serviços instalada no Assentamento Haroldina, município de Mirante do Paranapanema (região popularmente conhecida como Pé de Galinha), é uma estrutura física composta por um escritório de operações e galpão para armazenagem e microprocessamento de alimentos. Desde 2008, o MST, juntamente com alguns parceiros da Unesp/FCT, vem realizando reuniões de formação e encontros para buscar alternativas e formas de captação de recursos financeiros para colocar a Base de Serviços em funcionamento. Neste ano de 2017, entrou em operação uma panificadora organizada por um coletivo de mulheres do Assentamento Haroldina e São Bento. Entretanto, a Prefeitura Municipal de Mirante

do Paranapanema tomou para si o espaço de forma impositiva e arbitrária, transformando o espaço em um polo da ETEC. A discussão que se fez em torno deste fato, foi o autoritarismo utilizado pelo poder público municipal sem a consulta popular junto ao MST, detentor da concessão de uso aquele espaço.

Formação da Rede Pontal Agroecológica.

Após algumas atividades conjuntas e convergência de interesses pelo desenvolvimento da agroecologia no Pontal do Paranapanema, algumas instituições mediadas pelo MST juntaram forças e formaram a Rede Pontal Agroecológica. Hoje a Rede é composta pelo MST, ITESP, CATI, Unesp/FCT, Fundação IPÊ, Embrapa Meio Ambiente, Associações e Cooperativas de Assentados do Pontal. A Rede busca trabalhar de forma coletiva para promover a agroecologia no Pontal, construindo projetos e iniciativas para a captação de recursos financeiros para projetos em agroecologia. Além disso, a aposta em formar a Rede Pontal Agroecológico é uma estratégia política do MST para juntar em um único grupo diversos parceiros com especialidades e contribuições diferentes para o debate da agroecologia. Essa diversidade resultou na realização de dois encontros regionais de agroecologia, formação do Centro de Referência em Agroecologia do Pontal do Paranapanema (CRAPP) e vários espaços de diálogo.

Projeto Macaúba.

Assim como o Projeto Café com Floresta, o Projeto Macaúba foi um dos grandes propulsores das práticas agroecológicas no Pontal. Este projeto teve o objetivo de formar SAFs onde se produziria coco macaúba em consórcio com outras culturas anuais, árvores frutíferas e nativas. No escopo do projeto, o objetivo era realizar pesquisas científicas para produção de biodiesel a partir do coco macaúba. Juntamente com o projeto Café com Floresta, o Projeto Macaúba é um dos mais fortes fomentadores da transição agroecológica no Pontal, onde as famílias puderam conhecer uma nova forma de organização do trabalho com a composição de SAFs para a produção de alimentos. No caso do Macaúba, a produção de alimentos se sobressai grandemente à produção da cultura principal, pois enquanto a árvore da Macaúba necessita de cerca de nove anos para dar frutos no ponto de colheita, as famílias levam oito anos produzindo uma grande diversidade de alimentos.

Encontros de Agroecologia do Pontal.

Em 2012, a Rede Pontal Agroecológico sentiu a necessidade de criar um espaço de diálogo político e acadêmico sobre a agroecologia. Neste sentido, diversos parceiros somaram esforços para construir o I Encontro de Agroecologia do Pontal do Paranapanema. Neste primeiro Encontro, o tema debatido foi: “Agricultura familiar: soberania alimentar, autonomia e biodiversidade”. Teve-se a preocupação de questionar qual o papel da academia no processo de transição agroecológica. A sede escolhida para o evento foi a Unesp/FCT, já que a universidade concentrava um grupo de professores e estudantes que compunham a Rede. Estiveram presentes cerca de 350 pessoas, entre camponeses, estudantes, agentes de ATER e demais pessoas. O evento foi um marco para a agroecologia no Pontal, pois foi o primeiro de sua natureza, contando com a presença da pesquisadora Ana Primavesi em uma das mesas redondas. O tema central do II Encontro foi: “Soberania Alimentar e a construção de um projeto popular para a agricultura”. A ideia de realização do II Encontro de Agroecologia era reunir um número maior de famílias camponesas. A sede eleita para o evento foi a cidade de Mirante do Paranapanema, que tem como característica, ser uma cidade bastante próxima de vários assentamentos (somente neste município existem 36 assentamentos). A ideia foi uma boa estratégia e o encontro passou de 350 pessoas reunidas em 2012 para cerca de 500 nesta segunda edição.

Projeto Práticas Agroecológicas no Pontal do Paranapanema.

No ano de 2012 iniciamos com os trabalhos vinculados ao projeto Práticas Agroecológicas no Pontal do Paranapanema. Coordenado pelo Prof. Thomaz Junior, o Projeto tinha como objetivo principal oferecer formação no sentido da agroecologia para as famílias camponesas. Durante a vigência do projeto estivemos trabalhando com famílias dos assentamentos Dom Tomás Balduino (Sandovalina), Paulo Freire, Margarida Alves e São Bento (Mirante do Paranapanema). A metodologia desenvolvida no projeto foi de oficinas, e entre os temas trabalhados tivemos: Mercados Institucionais (PAA e PNAE), Produção de Leite Orgânico, Produção de Hortaliças Orgânicas e Associativismo/Cooperativismo.

Seminário Práticas Agroecológicas no Pontal do Paranapanema.

Como ato de finalização do projeto, foi realizado o Seminário Práticas Agroecológicas no Pontal do Paranapanema, no Assentamento Dom Tomás Balduino, em Sandovalina. O evento marcou o fechamento do projeto, reunindo cerca de 200 pessoas, contando com diversos representantes dos parceiros da Rede Pontal Agroecológico, além de pesquisadores. Um dos pontos fortes do evento foi a troca de sementes, onde cada família pode compartilhar sementes entre si.

Seminários de Educação do Campo.

Os Seminários de Educação do Campo são organizados pelo setor de Educação do MST. O objetivo é reunir educadores do campo e da cidade para debater propostas de ações voltadas para a Educação do Campo no Pontal do Paranapanema. Vale lembrar, que no Pontal existem as escolas do campo vinculadas à rede estadual de ensino básico. Além destas, há escolas que estão localizadas nas zonas urbanas, mas em geral são escolas que recebem crianças e jovens do campo, e, portanto, também se configuram enquanto alvos para as discussões sobre Educação do Campo. Os temas debatidos nestes encontros se voltam, sobretudo, para a estrutura do ensino básico, políticas educacionais, papel político dos educadores no processo de formação política das crianças e dos jovens, conteúdos e metodologias de ensino na Educação do Campo. Neste último, a discussão sobre agroecologia tem comparecido de forma marcante, sendo, pois, considerada como conteúdo imprescindível para as escolas do campo.

Seminários de Saúde do Pontal.

Os Seminários de Saúde do Pontal têm acontecido com periodicidade de dois anos. Eles são organizados pelo setor de Saúde do MST. Buscam criar um espaço de diálogo entre serviço público de saúde (SUS), famílias camponesas e trabalhadores da atenção básica. Nestes seminários o objetivo é debater a situação da qualidade de vida no Pontal, a qualidade de serviço público de saúde (sobretudo os serviços para as áreas de reforma agrária) e as estratégias coletivas que devem ser tomadas para a melhoria da saúde e do serviço. O primeiro seminário foi realizado na cidade de Teodoro Sampaio, onde estiveram reunidas cerca de 350 pessoas. O segundo aconteceu em Sandovalina, com cerca de 250 pessoas presentes. Em ambos, as discussões estiveram centradas na denúncia contra o uso abusivo que as usinas

canavieiras fazem dos agrotóxicos na região e os impactos para a saúde humana e ambiental. Juntamente com a denúncia, debateu-se, nos dois momentos, a superação do modelo de agricultura baseado na quimificação pela via da agroecologia.

Encontro para discutir Políticas Públicas e acesso aos Mercados Institucionais.

Este encontro foi organizado pelo MST no sentido de convidar representantes da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo para dialogar sobre o andamento e futuro do PAA, e cobrar apoio para a finalização do projeto de construção da agroindústria. Na ocasião, esteve presente a Deputada Estadual Márcia Lia, que tem sua atuação voltada para a reforma agrária e agricultura familiar. O encontro aconteceu na Base de Serviços para a Agroindústria no Pé de Galinha, reunindo famílias camponesas dos Assentamentos São Bento, Haroldina, Canaã e Arco-Íris, representantes políticos locais (prefeito e vereadores de Mirante do Paranapanema) e pesquisadores.

Formação do CRAPP.

O Centro de Referência em Agroecologia do Pontal do Paranapanema é um dos resultados do esforço coletivo da Rede Pontal Agroecológico em reafirmar o espaço da agroecologia nesta região. Trata-se da formação de um espaço de formação para agroecologia instalado no Assentamento São Bento, em Mirante do Paranapanema, o local foi eleito pela sua localização, já que está rodeado por vários assentamentos. As ações do CRAPP até o momento têm sido embrionárias, sendo, pois, a maior dificuldade para operacionalização a falta de recursos financeiros para o desenvolvimento de projetos. Na perspectiva de criar possibilidades de desenvolver projetos através do CRAPP, a Rede tem se debruçado sobre os escassos Editais/Chamadas públicas para financiamentos. Com base nisso, tivemos a aprovação de um projeto para criação do Núcleo de Estudos em Agroecologia do Pontal do Paranapanema (NEAPO), através da Chamada MCTIC/MAPA/MEC/SAFCASA CIVIL/CNPQ Nº 21/2016, que tem como objetivo criar a realização de atividades de formação política e técnica em agroecologia para fortalecimento do CRAPP. Também, neste momento, a Rede está envolvida na construção de uma proposta de projeto para o Edital ECOFORTE (Banco do Brasil), o que tem como objetivo conseguir infraestrutura e condições materiais para o

funcionamento do CRAPP. Em fevereiro de 2016 houve um Seminário de Agroecologia no CRAPP onde estiveram reunidos representantes das instituições da Rede e os jovens estudantes do curso de Técnico em Agroecologia. O Seminário foi organizado como parte das atividades do Tempo Comunidade dos alunos.

Encontro dos Assentados e Acampados na COCAMP.

O Encontro foi promovido pelo MST e aconteceu na sede da Cooperativa de Comercialização e Prestação de Serviços dos Assentados de Reforma Agrária do Pontal do Paranapanema (COCAMP), reunindo cerca de 200 camponeses assentados e sem-terra. As discussões do encontro giraram em torno de quatro eixos principais: a) grilagem de terras e regularização fundiária; b) Mercados Institucionais e políticas públicas; c) gênero no campo; d) agroecologia. O evento foi marcante pois promoveu um grande debate sobre gênero e patriarcado no campo. A agroecologia recebeu um forte destaque, já que foi debatida enquanto argumento para o enfrentamento do latifúndio e como estratégia de permanência no campo através da produção de alimentos.

Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária.

Há cerca de dez anos acontecem em diversas universidades brasileiras as Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária (JURA), tendo como objetivo principal aproximar a comunidade acadêmica do debate da Reforma Agrária. Na Unesp/FCT foram realizadas duas JURAS (2016 e 2017). Em ambos os eventos, a Rede Pontal Agroecológica teve participação efetiva, e a agroecologia esteve no centro dos debates. O ápice das JURAS na Unesp/FCT é o espaço da Feira da Reforma Agrária, onde são apresentados e vendidos alimentos agroecológicos produzidos por famílias camponesas assentadas da Reforma Agrária.

Caravana Agroecológica do Estado de São Paulo.

A Caravana Agroecológica do Estado de São Paulo rumo ao Vale do Ribeira (SP) foi promovida pela articulação de Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEA's) da região Sudeste, vinculados à Chamada Nº 81/2013 - MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq. A Caravana tinha como objetivo promover o intercâmbio de experiências e trocas de saberes na agroecologia entre povos tradicionais, camponeses, estudantes e pesquisadores. Uma das rotas da Caravana

saiu do Pontal do Paranapanema e levou um grupo composto por militantes do MST, jovem camponês estudante de agroecologia e estudantes para participar do encontro na culminância realizada no município de Barra do Turvo (SP).

Escuela Campesina de Invierno.

A "Escuela Campesina de Invierno" é uma proposta de formação promovida pela Associação de Universidades do Grupo Montevideo (AUGM). A Unesp/FCT sediou uma edição do evento entre os dias 20 e 24 de junho de 2016, coordenado pelo Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes. O evento reuniu 50 estudantes e pesquisadores de diversos países da América Latina. Contou com uma etapa de concentração na Unesp e outra parte do curso realizada na Base de Serviços para a Agroindústria do Pé de Galinha, no assentamento Haroldina. Nesta etapa empírica do curso o tema central foi agroecologia, com atividades de campo e visitas a experiências agroecológicas dos Assentamentos Haroldina e São Bento, com coordenação local do MST. Este foi um importante espaço de articulação e diálogo de saberes entre o MST e os pesquisadores estrangeiros sobre os desafios e conflitos em torno da agroecologia e a organização dos movimentos sociais do campo no âmbito da América Latina.

Inauguração da Agroindústria no Assentamento Rodeio.

O dia 10 de outubro de 2017 será lembrado pelos próximos anos como um importante marco da organização camponesa e da agroecologia no Pontal do Paranapanema. Esta data coroa a inauguração da Agroindústria do Assentamento Rodeio, no município de Presidente Bernardes. Com infraestrutura para esterilização, pré-processamento, embalagem e armazenamento de alimentos, a agroindústria foi uma luta constante de uma das famílias camponesas deste assentamento, permitido através do acesso ao Programa Microbacias II e com suporte do MST. Com isso, as famílias estão produzindo para alimentar a agroindústria e com a facilidade de comercialização por meio do associativismo. Além disso, a concretização do projeto possibilita o incentivo à agroecologia, pois ele tem a prerrogativa de fortalecer o processo de transição agroecológica no assentamento.

Projeto Cestas Agroecológicas e Solidárias "Raízes do Pontal".

Frente ao enfraquecimento do PAA e do PNAE dos assentamentos de reforma agrária, as famílias estão se organizando para garantir a continuidade da produção de alimentos e a geração de renda. Uma das alternativas encontradas pela associação ARCA, do assentamento Gleba XV de Novembro, municípios de Rosana e Euclides da Cunha Paulista, e incentivada pelo setor de produção do MST, é a comercialização de Cestas Agroecológicas. O projeto surge com a iniciativa de membros do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT), em uma das atividades de trabalho de campo neste assentamento, que diante da preocupação das famílias frente ao fim do projeto do PAA e PNAE, elaboram coletivamente uma proposta de trabalho conjunto para a comercialização dos alimentos produzidos por eles. Inicialmente as cestas seriam comercializadas para a comunidade acadêmica da Unesp/FCT, e hoje já são comercializadas para diversos parceiros e moradores de Presidente Prudente para além da comunidade acadêmica. No âmbito da agroecologia este projeto tem gerado três resultados substanciais: a) incentivo à transição agroecológica no assentamento em questão; b) difusão do conhecimento agroecológico para a sociedade (sobretudo os parceiros consumidores); c) consumo de alimentos agroecológicos.

Feira da Reforma Agrária do Galpão da Lua.

O Galpão da Lua é um espaço de resistência para a arte e cultura em Presidente Prudente. O Galpão é mantido através das intervenções artístico-culturais da Federação Prudentina de Teatro, e embora não recebam apoio do poder público municipal (muito pelo contrário, recebem ataques constantes), eles mantêm suas atividades semanais com apoio de parceiros. Uma das últimas atividades promovidas pelo Galpão da Lua foi a organização de uma Feira da Reforma Agrária em parceria com o MST, a qual acontece mensalmente desde agosto de 2017. Na feira são comercializados alimentos in natura e processados (pães, doces, compostas, queijo etc.) para a comunidade que vive ao entorno do espaço.

Fonte: Rabello (2017, p.87-92)

Organizado pelo autor.

Podemos encontrar no trabalho de Rabello (2018), a perspectiva por trás do “boom” da criação de várias experiências de comercialização ou com o tema da

agroecologia, a partir de 2017, descrita no trabalho de Silva (2024). De acordo com o autor.

Lembramos que no ano de 2016 ocorreu o golpe político-midiático-jurídico, que possibilitou Michel Temer usurpar a cadeira de presidente da República. Uma das suas primeiras ações do governo ilegítimo foi alterar a composição ministerial, o ataque aos trabalhadores, extinguiu o Ministério do Desenvolvimento Agrário, que até então era responsável pelo manejo dos recursos financeiros e políticas públicas para o campesinato e povos tradicionais. Assim como no caso das atividades no Pontal do Paranapanema, para as ações em nível federal foram indicadas apenas aquelas mais significativas para o avanço da agroecologia. Com a extinção do MDA, criou-se a Secretaria Especial de Agricultura familiar e Desenvolvimento Agrário (SEAD), vinculada diretamente ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), responsável pelo manejo de recursos e apoio integral ao agronegócio no Brasil. (RABELLO, 2018, pág. 9)

Com isso, a dinâmica das políticas públicas voltadas ao abastecimento da agricultura familiar, especialmente nos programas de escoamento da produção, como o PAA e o PNAE, foi progressivamente esvaziada em termos de investimentos destinados à sua manutenção. Essa retração criou a necessidade de buscar alternativas capazes de garantir, ainda que de forma limitada, alguma geração de renda, ao mesmo tempo que fortalecesse a organização e a luta dos agricultores na região do Pontal. De acordo com Rabello, Silva e Negrão (2019):

Outro reflexo do enfraquecimento do PAA é na organização social e política nos assentamentos rurais. No caso da ARCA, que organiza as famílias do Assentamento Gleba XV de Novembro, o trabalho com o PAA vinha sendo um dos motes de atuação, já que o trabalho logístico e burocrático ocupava boa parte do tempo da entidade. Foi através do PAA, que a ARCA articulou famílias camponesas para entrega de alimentos a famílias em situação de vulnerabilidade social. Assim sendo, buscar novas formas de comercializar os alimentos iria causar efeitos não somente para a continuidade da reprodução das famílias, mas também para a manutenção da organização através da associação. (RABELLO, SILVA E NEGRÃO, 2019, pág. 68)

Nesse sentido, de acordo com Silva (2019):

Novas ações e experiências envolvendo o tema produção e comercialização foram sendo desenvolvidos, na maioria experiências, em suma muito simbólicas e localizadas, mas que potencializaram uma rede de parcerias a muito constituídas pelo calendário de lutas desenvolvidos pelo MST e Parceiros na Região do Pontal do Paranapanema, criando solo fértil para mais e mais experiências que fortaleceram o tema da agroecologia. (SILVA, 2019, pág. 25)

Em contato com lideranças do MST³, no início dos anos 2000 existiu uma outra experiência de comercialização pouco trabalhada, mas que ainda assim, constituiu na enquanto experiência de comercialização dentro do espectro dessas ações alternativas, também nomeada por cestas agroecológicas. Essa ação reuniu um núcleo de produtores assentados de Teodoro Sampaio, representantes do INCRA e militantes do MST vinculados a COCAMP, também de cestas agroecológicas. Porém, não conseguimos ter mais informações, ainda sim, está no escopo de experiências em agroecologia.

A seguir (Quadro 4), Silva (2024, pág. 48), nos apresenta outras experiências de alternativas agroecológicas construídas no Pontal do Paranapanema-SP, de 2017 a 2023, também baseadas nos princípios agroecológicos e/ou tendo em suas bases de atuação o fortalecimento do movimento agroecológico, na região do Pontal do Paranapanema-SP.

Quadro 4: Experiências em agroecologia (2017 a 2023).

Cestas de Agroecológicas de Rosana

Criado em 2017, o projeto das cestas agroecológicas nasce em uma conjuntura muito semelhante ao projeto “Raízes do Pontal”, sobretudo pelo arrefecer de investimento nas políticas públicas com o intuito de fortalecer o debate sobre agroecologia, luta pela terra e comercialização de famílias assentadas da região do Pontal do Paranapanema.

Cestas do CSA

Criada em 2017, também em um contexto de arrefecimento de políticas pública para o campo e mais especificamente para a região do Pontal, um conjunto de famílias localizadas no Assentamento Rodeio, em Presidente Bernardes/SP, aderiu a um modelo – Casa que Sustenta a Agricultura (CSA), como uma possibilidade de geração de renda para as famílias. Adotando o modelo de cestas compostas por verduras, tubérculos, legumes e frutas ao longo de três anos constituíram importante fonte de renda as famílias envolvidas. De início, por meio das parcerias, receberam apoio para a realização das entregas em uma barraca de orgânicos que já

³ Membros do setor de produção do MST.

comercializava alimentos no município de Presidente Prudente. Depois seguiram para outro espaço – Igreja Messiânica, também em Presidente Prudente/SP.

Lançamento das ações do Plano Nacional “Plantar árvores, produzir alimentos saudáveis”

Apresentado a conjunto do de militantes e a base do MST, bem como para a sociedade em geral, o Plano nacional plantar arvores, produzir alimentos saudáveis” tem como meta plantar ao longo de 10 anos um total de 100 milhões de árvores nativas e frutíferas nas áreas de assentamento e fora através de parcerias. O intuito do plano com essa meta traçada, e destacar a importância da questão ambiental nas ações do MST, que a quase quarenta anos faz o debate, mas partindo da questão agrária. Com isso, por meio da construção do plano, existiria uma nova frente de atuação conjunta com as ações já desenvolvidas. Um outro ponto seria um processo de formação de diferentes sujeitos para enfrentar a nossa realidade atual, em que a crise climática e a destruição do meio ambiente têm sido destaque global. De forma conjunta, outro debate suscitado e a produção de alimentos, sobretudo, consorciados como os SAFs, aliando todo material já construído pelo movimento, como uma possibilidade de uma nova perspectiva de atuação dentro dos lotes de Reforma Agrária e na sociedade como um todo.

Campanha “Periferia Viva”

A campanha foi lançada no ano de 2020, como resultado do aprofundamento da fome e da miséria instauradas pela não adoção de medidas de combate a prejuízos sociais desde o início da pandemia, no ano de 2020. Na região do Pontal, pela união de MST, Galpão da Lua, Consulta Popular, partidos políticos e sindicatos, a campanha efetuou uma dezena de doações de alimentos a famílias carentes do município de Presidente Prudente. Por meio de doações de ordem financeira de parceiros e simpatizantes da luta, comparavam cestas montadas pelo projeto “Raízes do Pontal”, que operava no mesmo espaço e período e assim construíam duas ações simbólicas e extremamente importantes – fomentavam a compra de alimentos de famílias assentadas, bem como cumpriam o papel de fornecer alimento para muitas.

Cesta do MPT/Unesp/MST

Se assemelhando a campanha anterior, esse projeto atuou durante a pandemia, comprando alimentos de famílias assentadas e as doava para famílias de catadores recicláveis ligados à COOPERLIX, na região de Presidente Prudente/SP. Tem como financiador o Ministério Público do Trabalho (MPT), a partir de uma porcentagem das multas aplicadas sobre encargos trabalhistas, possibilitou em um momento muito difícil para as famílias um complemento e uma manutenção de um riquíssimo conjunto alimentar, constituído -por cestas básicas de alimentos perecíveis, bem como de alimentos orgânicos e agroecológicos produzido pelas famílias assentadas.

Festival da Reforma Agrária I e II

O festival teve como ponto de partida de o aniversário de anos da feira da Reforma Agrária, que acontece aos primeiros sábados do mês no espaço cultural “Galpão da Lua”. Primeiro aconteceu em 2022, em dois momentos – no primeiro dia no espaço do galpão, envolvendo a feira e uma série de atividades culturais e o segundo uma semana depois em uma paróquia em outro circuito da cidade, também com atividades variadas durante o dia. O segundo, ocorreu em 2023, também no mês de agosto, aniversário da feira, dessa em um momento apenas, mas envolveu atividades culturais e um número ainda maior de feirantes do campo e da cidade.

Feira do SESC/Presidente Prudente

A feira foi inaugurada no ano de 2022, realizada na área de convívio do SESC/Presidente Prudente, tem reunido uma série de produtores e produtos, variando entre hortifruti, artesanatos e doces. Além dos eventos culturais realizados no SESC, a inserção da feira foi privilegiar a atividade de pequenos produtores e artesãos, residentes na região do Pontal, que dependem de pequenas experiências de comercialização para expor e comercializar sua produção. O público principal, é de associados do SESC, mas pela bandeira da agricultura familiar, tem atraído mais e mais pessoas para além do público do SESC. Incluídos a produtores de presidente prudente, urbanos e rurais, os demais são em sua maioria assentados da região, vindo do Assentamento Roseli nunes e Assentamento Rodeio, de Mirante do Paranapanema e Presidente Bernardes, respectivamente.

Fonte: Silva (2024).

Para o ano de 2025, podemos apresentar outras experiências em andamento no campus da FCT/UNESP, que envolvem a agroecologia de forma direta ou também com linha de trabalho (Quadro 5).

Quadro 5: Experiências que apresentam a agroecologia de forma prática ou como linha de trabalho (2025)

Coletivo Saruê

O Coletivo Saruê é formado integralmente por estudantes da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, envolvendo tanto discentes da graduação quanto da pós-graduação dos cursos de Geografia, Engenharia Ambiental e Arquitetura e Urbanismo. Essa composição plural sustenta uma atuação que articula práticas agroecológicas com processos educativos e posicionamentos políticos, reforçando o caráter estudantil e autônomo do coletivo.

As ações desenvolvidas pelo Saruê se desdobram em dois campos principais de atuação. De um lado, estão as iniciativas realizadas no interior da FCT/UNESP, que compreendem o cultivo e o manejo dos espaços agroecológicos, atividades formativas, intervenções práticas e a colaboração em componentes curriculares da graduação, além da organização da Escola de Verão. De outro, situam-se as atividades conduzidas fora do ambiente universitário, como o projeto Horta na Escola, a iniciativa de Educação Climática, realizada em parceria com o Projeto Cine e os trabalhos de restauração do Parque Cambuci, desenvolvidos em conjunto com o Coletivo Mocambo Nzinga.

Consciência Alimentar

O Projeto Consciência Alimentar, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEC), tem como objetivo promover a reflexão crítica sobre os sistemas alimentares contemporâneos, articulando alimentação, saúde, agroecologia, meio ambiente e justiça social. A iniciativa parte do entendimento de que a alimentação é um direito humano fundamental e um campo estratégico de disputa política, cultural e territorial.

O projeto desenvolve ações de caráter educativo, formativo e prático, voltadas à construção de uma consciência alimentar que valorize o consumo de alimentos

saudáveis, produzidos de forma sustentável, com respeito aos saberes populares, aos territórios e às culturas alimentares locais. Nesse sentido, busca problematizar os impactos socioambientais do modelo agroalimentar hegemônico, baseado na monocultura, no uso intensivo de agrotóxicos e na mercantilização da comida.

As atividades do Projeto Consciência Alimentar envolvem oficinas, rodas de conversa, vivências práticas, ações em espaços educativos e comunitários, além da articulação com coletivos, movimentos sociais e projetos de extensão. Essas ações contribuem para o fortalecimento da agroecologia, da soberania e da segurança alimentar e nutricional, estimulando práticas alimentares mais conscientes tanto no ambiente universitário quanto fora dele. Dessa forma, o projeto se consolida como um espaço de extensão crítica, que integra ensino, pesquisa e ação comunitária, reafirmando o papel da universidade pública na promoção de transformações sociais e na construção de alternativas sustentáveis para os sistemas alimentares. Outra iniciativa, ainda dentro da agroecologia, é construir por meio do Turismo de Base Comunitária, um roteiro de visitas a famílias assentadas de reforma agrária, que produzem de forma agroecológica. Atualmente, a Pousada do Assentamento Porto Maria, em Rosana-SP, tem sido beneficiada com o trabalho do coletivo, desde a criação de um Sistema Agroflorestal em parceria com o SESC, até a construção de um roteiro de trilhas nas proximidades da pousada.

Transições Agroecológicas para Adaptação e Mitigação Climática.- ATCAM.

O projeto tem como foco o fortalecimento de processos de transição agroecológica como estratégia central para o enfrentamento das mudanças climáticas. Parte do entendimento de que sistemas agroecológicos, ao integrarem diversidade biológica, manejo sustentável do solo, valorização de saberes locais e organização sociotécnica dos territórios, contribuem simultaneamente para a adaptação aos efeitos climáticos extremos e para a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. O projeto possui uma articulação internacional, envolvendo pesquisadores do Brasil, Canada e Índia, entre outros. O projeto se estrutura a partir da articulação entre agricultores familiares (camponeses assentados), povos indígenas, comunidades tradicionais (caiçaras e pescadores), universidades, movimentos sociais e instituições de pesquisa e extensão, sobretudo com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).

Redes Sociotécnicas de Cadeias Produtivas Biodiversas e/ou Agroecológicas na Agricultura Familiar e de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais - Bioinsumos (FINEP).

Na perspectiva de apoiar a agricultura praticada por camponeses, povos indígenas e comunidades quilombolas, o projeto visa não apenas à oferta de estruturas e ferramentas, mas também à formação desses públicos, sobretudo por meio do uso de bioinsumos, como estratégia de substituição do pacote de insumos químicos e transgênicos historicamente apresentado como fórmula principal para suas produções. Nesse sentido, para os três próximos anos de execução do projeto, estão previstas a implantação de estruturas para o beneficiamento da produção, bem como a instalação de quatro biofábricas de bioinsumos, distribuídas em quatro campus da UNESP, com o objetivo de atender esses públicos.

Semeando o futuro: ações para fortalecimento do NEAPO e a construção de um território justo e saudável do Pontal do Paranapanema.

Entre os anos de 2017 e 2019, esteve em atividade o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Agroecologia do Pontal do Paranapanema (NEAPO), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve como objetivo levantar, analisar e fortalecer as experiências em agroecologia desenvolvidas na região do Pontal do Paranapanema. Para tanto, nesse período, foram realizadas diversas atividades, bem como o fortalecimento de iniciativas já existentes, tais como as feiras da reforma agrária, o projeto de cestas agroecológicas, seminários sobre saúde e educação do campo, além de outras ações e espaços de debate voltados à temática da agroecologia. Mais recentemente, em 2025, o NEAPO obteve acesso a um novo edital de fomento às suas atividades, intitulado *“Semeando o futuro: ações para o fortalecimento do NEAPO e a construção de um território justo e saudável no Pontal do Paranapanema”*. A intencionalidade dessa nova etapa é dar continuidade ao apoio às atividades já desenvolvidas, bem como promover, tanto nas áreas de assentamento quanto no âmbito universitário, espaços de formação que visam fortalecer e ampliar o debate sobre agroecologia. Essas experiências, como se pode observar, somam-se a um conjunto mais amplo e significativo de ações de apoio à agroecologia e às pautas por ela debatidas. Tal articulação contribui diretamente para o surgimento de novas iniciativas, seja na forma de projetos

institucionais de apoio, como o desenvolvido pelo NEAPO, seja por meio de ações mais diretas e práticas, conforme evidenciado no conjunto de experiências apresentadas e que serão aprofundadas a partir da análise do Quintal Agroecológico.

Fonte: Acervo de pesquisa.

Organizador pelo autor.

As experiências anteriormente citadas, estão ativamente inseridas nas ações de extensão, sobretudo, nos assentamentos de reforma agrária, onde as famílias carecem de vários aspectos de estrutura, porém, são os territórios onde a agroecologia mais tem ganhado forma. Logo, esses projetos vêm no sentido de fortalecer essa atividade produtiva Tanto no assentamento, como na universidade

5. Coletivos CEETAS e Experiências de Agroecologia.

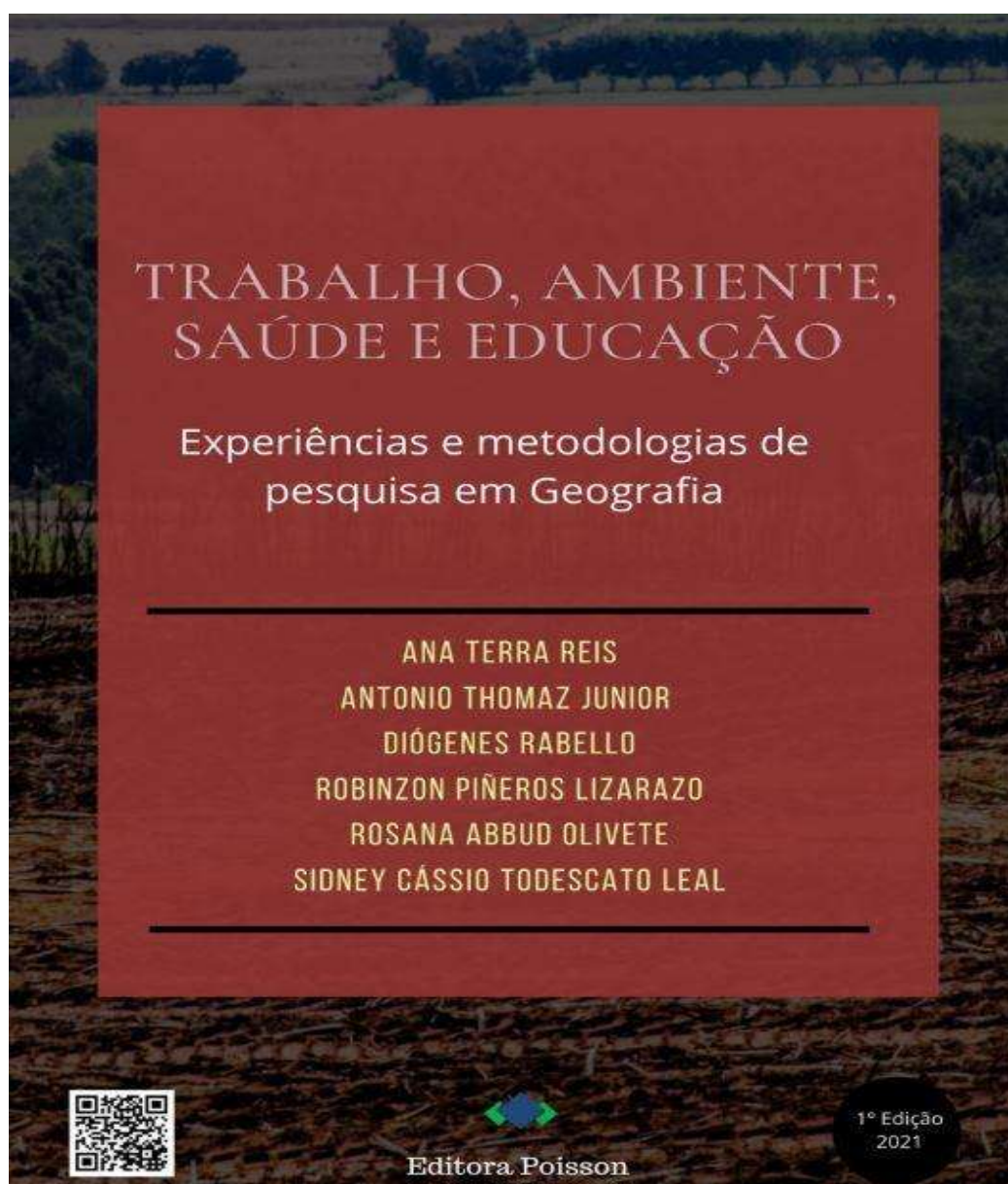
5.1 Construção do Projeto temático.

Entre 2012 e 2018 esteve em atividade o projeto de pesquisa conhecido como CEETAS. Inicialmente denominado CETAS, o grupo incorporou a letra “E” ao agregar docentes do Departamento de Educação da FCT/UNESP. Ao longo de seis anos, o projeto temático, originalmente desenvolvido por professores do Departamento de Geografia, passou a envolver também integrantes dos departamentos de Fisioterapia, Educação, Estatística, Ciência da Computação e Planejamento, Urbanismo e Ambiente. Além disso, estabeleceu parcerias com a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade de São Paulo (USP) e diversas instituições internacionais, entre outras instituições como Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), Ministério Público do Trabalho (MPT), Sindicatos e Movimentos Sociais.

Para o desenvolvimento das atividades, o coletivo contou com financiamento da FAPESP por meio do projeto “Mapeamento e análise do território do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil: relações de trabalho, conflitos e formas de uso da terra e da água, e a saúde ambiental”. Os recursos foram destinados à aquisição de equipamentos e ferramentas de análise, à realização de trabalhos de campo e ao custeio de transporte dos membros envolvidos.

Entre os produtos gerados, além do fortalecimento das pesquisas na área, no diálogo com sujeitos atingidos diretamente impactados pela dinâmica da produção canavieira, construção de atividades e ações com movimentos sociais e coletivos, destacam-se outras iniciativas produzidas que faziam parte do escopo do projeto, como: a produção do filme “*Nós chegamos primeiro*”; a publicação do livro *Trabalho, Ambiente, Saúde e Educação: experiências e metodologias de pesquisa em Geografia* (figura 1); a aquisição de uma caminhonete para as atividades de campo do coletivo e da universidade (figura 2); e a construção do prédio atualmente denominado Prédio CEETAS (figura 3) e equipamentos como drones, câmeras, materiais de laboratório e bibliografias específicas.

Figura 1: Capa do livro publicado no encerramento do projeto (2021).



Fonte: Acervo pessoal/2025.

A construção do livro surgiu a partir da metodologia que cada uma das equipes se utilizou no período de atuação, para tanto, apesar de elas serem integradas no projeto, cada capítulo, por si só, oferece rico material de análise e resultados.

Figura 2: Automóvel conquistado pelo coletivo para a FCT/UNESP.



Fonte: Acervo pessoal/2025.

O veículo contribuiu e contribui para as atividades do coletivo até hoje. Visto que, as pesquisas e diálogos com as famílias, movimentos e organizações não findaram ao “fim” do projeto.

Atualmente, seguem em atividade as visitas de campo, as coletas, as entrevistas e os trabalhos com as famílias assentadas e parceiros da região. Tanto para os projetos do Coletivo CEETAS, como para o conjunto da comunidade acadêmica que faz usufruto do automóvel.

Figura 3: Imagem do Prédio do CEETAS.



Fonte: Portal da UNESP (2023).

O dia da inauguração contou com a presença da vice-reitora Professora Maisa Forlan, gestão diretora da FCT/UNESP, funcionários técnico-administrativos, discentes e docentes, parceiros e a comunidade.

5.2 Impactos do agrohidronegócio

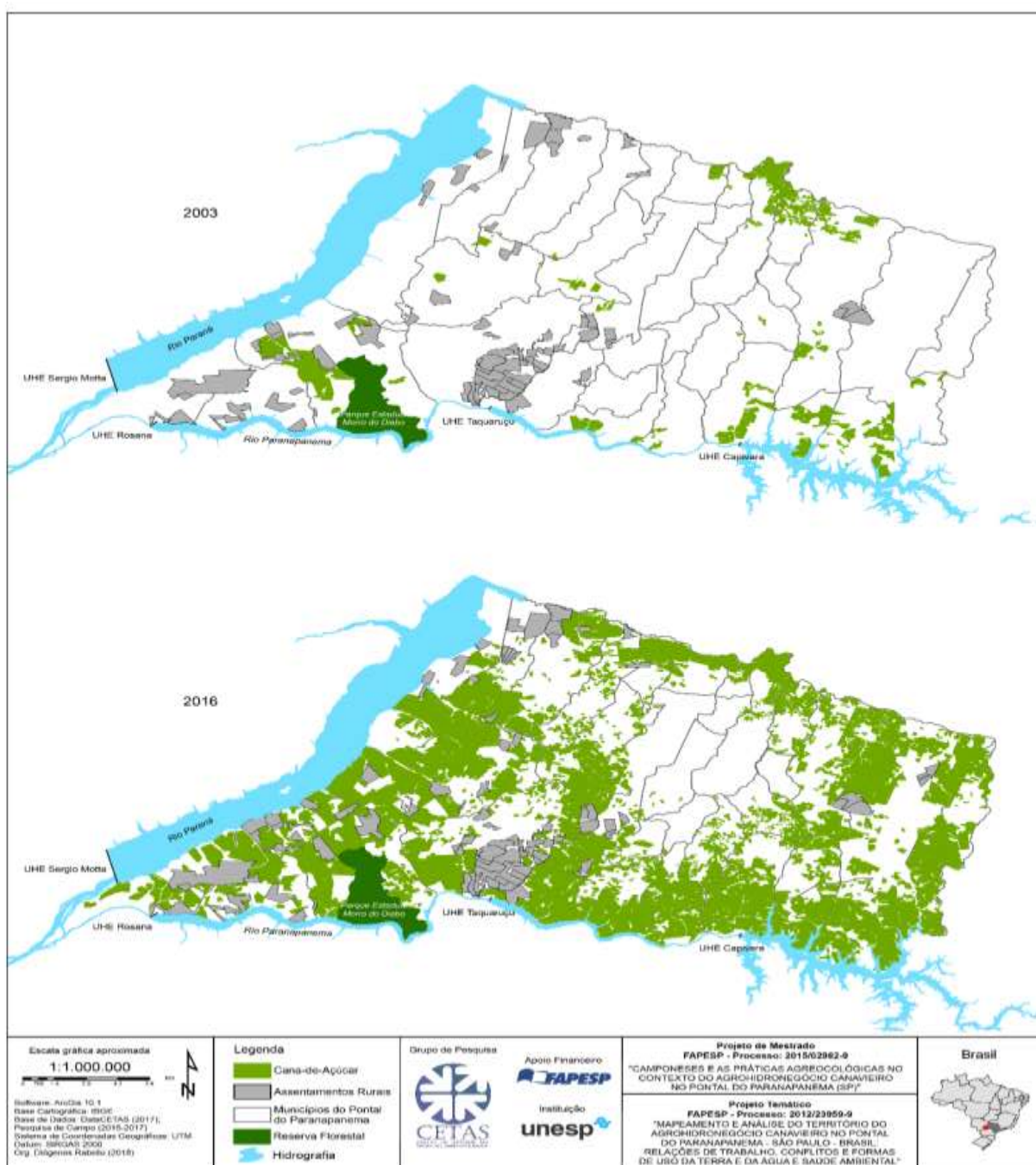
O trabalho do coletivo de pesquisadores concentrou-se no Pontal do Paranapanema, analisando os impactos da expansão da produção canavieira na região. Esse processo intensificou-se a partir da segunda metade do século XX, especialmente com a implementação do programa Pró-ácool, na década de 1970, tendo como marco regional a instalação da Usina Alcídia - referência e propulsora do avanço da cana no Pontal.

No início dos anos 2000, a produção canavieira atingiu seu ápice, revelando de forma evidente os efeitos acumulados de aproximadamente quatro décadas de expansão. Entre as consequências mais significativas destacam-se: a degradação das condições de trabalho no corte de cana; o arrendamento e a concentração de terras públicas; e os impactos ambientais decorrentes de práticas produtivas predatórias - como a supressão de florestas nativas, o surgimento de ravinas e

voçorocas, o assoreamento de corpos d'água, a perda de biodiversidade, os conflitos entre famílias assentadas e grandes produtores/usinas, além da contaminação ambiental causada pela pulverização de produtos químicos.

A (Figura 4) a seguir ilustra a intensidade do avanço da produção de cana-de-açúcar no início dos anos 2000.

Figura 4: Progressão da Cana-de-açúcar na Região do Pontal do Paranapanema (2003-2016).



Fonte: Rabello (2018).

Nesse período, é possível indicar uma série de acontecimentos negativos que afetaram as famílias assentadas, entre eles as queimadas, que durante anos amedrontaram moradores e moradoras vizinhos ou residentes em áreas próximas aos canaviais. Soma-se a isso o impacto da deriva da pulverização, processo pelo qual lavouras e moradias são atingidas por agrotóxicos provenientes dos canaviais, transportados pelo vento. Tal prática ocasiona prejuízos à produção de alimentos e a outras culturas que não são alvo do princípio ativo dos pesticidas, herbicidas e fungicidas utilizados na monocultura canavieira, além de diversos outros impactos negativos.

5.3 Experiências contra-hegemônicas.

Nas idas e vindas dos trabalhos de campo, bem como nos espaços de debate articulados com movimentos e coletivos como - o Seminário de Educação do Campo, o Seminário de Saúde, os Encontros de Agroecologia, os Encontros Regionais do MST, entre outros, foi possível observar que, apesar do forte envolvimento da região com a produção canavieira e seus impactos, havia uma série de experiências, práticas e modos de vida que não reproduziam integralmente os modelos hegemônicos de produção nem suas formas de sociabilidade. Essas expressões eram especialmente visíveis nas cidades menores visitadas e entre as famílias camponesas assentadas.

No que se refere ao modo de vida, destacavam-se as trocas solidárias, não orientadas exclusivamente pelo valor de troca. A comunicação também não se apoiava apenas nas redes sociais, mas nas visitas de casa em casa, nas confraternizações e nas festas populares - festividades juninas, rodeios, cavalgadas, missas, terços etc. Observava-se ainda o trabalho familiar e a reciprocidade entre camponeses, expressa no princípio do “hoje te ajudo na diária, amanhã você me ajuda”.

No âmbito da produção, evidenciou-se a importância dos Circuitos Curtos e das formas de comercialização direta entre pequenos produtores de hortaliças, doces, queijos e outros alimentos, e as consumidoras das cidades. A venda de porta em porta e as feiras locais também se mostravam essenciais para esses circuitos econômicos alternativos.

Em escala regional, foram identificadas iniciativas de trabalho associado, como associações e cooperativas, além de projetos auto-organizados por comunidades, igrejas, escolas, movimentos e partidos. Essas organizações também expressavam

críticas ao modelo hegemônico de modernização e progresso, cujos efeitos atingem de maneira desigual os diferentes sujeitos do território.

5.4 Estabelecimento do Prédio do CEETAS e a Sustentabilidade.

É nesse contexto de efervescência de experiências e reflexões que surge o Prédio do CEETAS, concebido não apenas como um centro de trabalho, mas como um espaço de pesquisa crítica e de práxis. A proposta envolvia coletar informações junto aos diversos sujeitos do território e, simultaneamente, atuar de forma engajada na busca de possíveis caminhos para enfrentar as dificuldades levantadas pela pesquisa.

O prédio foi planejado como um espaço de implementação e reprodução de práticas sustentáveis. Com apoio da FAPESP e do MPT, instalou-se um sistema de energia solar para garantir autonomia energética, bem como um sistema de captação de água da chuva, posteriormente armazenada em cisternas. Outras práticas foram sendo integradas gradualmente, como a reciclagem de materiais utilizados na estrutura, a compostagem dos resíduos e a construção do Quintal Agroecológico.

O quintal, por sua vez, articula-se com todas essas práticas sustentáveis: a energia solar pode alimentar sistemas automatizados de irrigação; a água da chuva é utilizada no manejo dos canteiros e das árvores; os Bioinsumos são produzidos a partir da compostagem; e os alimentos cultivados são consumidos tanto pelo coletivo do CEETAS quanto pela comunidade da FCT/UNESP - discentes, docentes, servidores e terceirizados, além de qualquer pessoa que circule pelo espaço.

Assim, quem visita o quintal passa a compreender, na prática, o tipo de sociedade que o Coletivo CEETAS busca construir: uma sociedade fundamentada na agroecologia, na cooperação e em circuitos produtivos e informacionais que rompem com a lógica hegemônica.

6. Construindo o Quintal Agroecológico e encarando os desafios para cultivar

6.1 Delimitação do Quintal Agroecológico.

Dentro da perspectiva de constituir um prédio autossustentável, além da captação de energia solar por meio de placas fotovoltaicas e da coleta de água da chuva com a instalação das cisternas, também se planejou a criação de um espaço destinado à produção de alimentos. Esse espaço buscava materializar grande parte do que foi investigado nas pesquisas do coletivo, funcionando como um ambiente de experimentação prática. Nele, seria possível desenvolver diferentes experiências agroecológicas, semelhantes às encontradas nos assentamentos da região.

Como produto desse processo, surgiu o Quintal Agroecológico, um espaço de produção de alimentos, socialização de pesquisas científicas e valorização de conhecimentos populares. Além de constituir um ambiente de trabalho e de práxis, o Quintal também se tornou um lugar de convivência: de risos, trocas de ideias e encontros regados a café.

A seguir (Figura 5), um croqui utilizado e com a finalidade de se demonstrar onde está localizado o Prédio do CEETAS e o Quintal Agroecológico.

Figura 5: Localização do Prédio e do Quintal Agroecológico, na FCT/UNESP.



Fonte: Elaborado por Izabella Alexia Carneiro Santos, 2024.

A imagem acima nos auxilia a localizar e espacializar o Quintal, além de contribuir para o acompanhamento das mudanças que ocorreram e que ainda ocorrem em cada atividade desenvolvida.

6.2 Implementação do Quintal – da teoria a prática.

No processo de instalação do Quintal, por se tratar de um resultado de pesquisas já realizadas, compreendeu-se que as práticas deveriam se fundamentar nessas investigações, sobretudo, nas baseadas no princípio da agroecologia. Assim, após a preparação do solo com o uso de trator para a sua descompactação (Figura 6), logo após foi implementada uma estratégia de adubação verde, com o objetivo de incorporar em um primeiro momento matéria orgânica a um solo aparentemente muito desgastado.

Figura 6: Primeira sementeira no espaço do Quintal Agroecológico.



Fonte: Acervo pessoal/2024.

Nesse sentido, tal método contribui no sentido de, segundo Alcântara (2016):

Adubação verde é uma prática agrícola que consiste no uso de certas plantas que são capazes de reciclar os nutrientes presentes em camadas profundas do solo, ou na atmosfera, tornando o solo mais fértil e mais produtivo. Essas plantas são rústicas e têm sistema radicular forte (Embrapa Arroz e Feijão, 2016)

De acordo com Franco (2022):

É fundamental que o solo, tanto dos canteiros quanto das entrelinhas, esteja sempre coberto com uma boa camada de matéria orgânica. Sobre os canteiros, normalmente se usa uma camada de palhada fina para facilitar o plantio e, nas entrelinhas, o mais adequado é posicionar toras de madeira e material mais grosseiro, para uma lenta decomposição. Esse manejo: • beneficia a manutenção de umidade no solo; • beneficia a nutrição das plantas; • evita a compactação do solo; • aumenta a quantidade de vida no solo, inclusive micorrizas; •

diminui o surgimento de plantas espontânea. (FRANCO, 2022, pag. 87)

A partir do processo de inserção da adubação verde, depois de cerca de 3 meses, foi possível iniciar as experiências de produção. A imagem a seguir (Figura 7), representa as primeiras ações realizadas até então. Entre elas o Sistema Agroflorestal, a Horta Agroecológica e onde futuramente viria a ser a experiência da Horta em Espiral, Horta de fitoterápicos e verdura e, por fim a Horta Mandala.

Figura 7: Após a inserção da adubação verde e início das primeiras experiências de cultivo (2024).



Fonte: Elaborado por Izabella Alexia Carneiro Santos, 2024.

O método da adubação foi adotado por alguns fatores. O primeiro foi a ausência de informações sobre os tipos de cultivos praticados na área nos últimos anos, exceto pelo gramado, expressão paisagística predominante nas cidades e da própria universidade. O segundo fator relaciona-se ao princípio agroecológico que orientou o processo de recuperação, no qual a adubação verde e seus benefícios substituiriam os pacotes de insumos químicos característicos da agricultura convencional. Tanto

que, nessa primeira atuação, foram inseridos o feijão-de-porco e as espécies de crotalária - *ochroleuca* e *spectabilis* (Figuras 7 e 8). Essas plantas são bastante utilizadas na adubação verde por serem leguminosas que se adaptam bem, fixam nitrogênio, contribuem para a formação de matéria orgânica e/ou biomassa, além de conterem com plantas espontâneas.

Figura 8: Imagem dos extratos de crotalária – *Spectabilis* e *Ochroleuca*.



Fonte: Acervo do Quintal/2024.

Durante os processos de plantios manutenções outras plantas de adubação foram inseridas, a exemplo, o feijão guandu, outras crotalárias, o feijão mucuná, o feijão lab-lab, além de outros cultivos como verduras, legumes e frutas. Bem como as Plantas alimentícias não-convencionais, que foram surgindo e compondo cada um seu espaço quintal. A seguir, (Quadro 6), os primeiros cultivares inseridos no Quintal, pós adubação.

Quadro 6: Espécies introduzidas no Quintal Agroecológico do CEETAS, de janeiro a maio de 2024.

Espécies	Nome científico	Tipo
----------	-----------------	------

Abacate	<i>Persea Americana Mill</i>	Frutífera
Abóbora	<i>Cucurbita pepo l.</i>	Trepadeira
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	Frutífera
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Medicinal
Alface	<i>Lactuca sativa</i>	Hortaliça
Alface roxa	<i>Lactuca sativa var.</i>	Hortaliça
Almeirão	<i>Cichorium intybus</i>	Hortaliça
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Medicinal
Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i>	Tubérculo
Banana	<i>Musa spp</i>	Frutífera
Berinjela	<i>Solanum melongena</i>	Legume
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	Hortaliça
Cenoura	<i>Daucus carota l.</i>	Tubérculo
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	Hortaliça
Couve	<i>Brassica oleracea</i>	Hortaliça
Crotalária	<i>Crotalaria juncea</i>	Leguminosa
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Medicinal
Feijão de corda	<i>Vigna unguiculata</i>	Leguminosa
Feijão-de-porco	<i>Canavalia ensiformis</i>	Leguminosa
Girassol	<i>Helianthus annuus</i>	Flor
Gliricidia	<i>Gliricidia sepium</i>	Arbórea
Guandu	<i>Cajanus cajan</i>	Leguminosa
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>	Medicinal
Limão	<i>Citrus x limonia</i>	Frutífera
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>	Medicinal
Mamona	<i>Ricinus communis</i>	Arbórea
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i>	Tubérculo
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i>	Hortaliça
Melancia amarela	<i>Citrullus lanatus</i>	Trepadeira
Melão caipira	<i>Cucumis melo</i>	Trepadeira
Milho	<i>Zea mays</i>	Cereal
Moringa	<i>Moringa oleífera</i>	Arbórea

Orégano	<i>Oreganum vulgare</i>	Especiaria
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i>	Legume
Pitaia	<i>Hylocereus polyrhizus</i>	Frutífera
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>	Frutífera
Rabanete	<i>Raphanus sativus</i>	Tubérculo
Romã	<i>Punica granatum</i>	Frutífera
Rúcula	<i>Eruca sativa</i>	Hortaliça
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i>	Hortaliça
Tomate-cereja	<i>Solanum lycopersicum var. cerasiforme</i>	Frutífera
Fonte: Acervo pessoal.		
Organizado por: Elaborado pelo autor.		

A seguir, vamos apresentar as principais atividades desenvolvidas dentro do Quintal Agroecológico, do qual norteiam o trabalho dos voluntários no dia a dia.

6.3 Experiências agroecológicas e as práticas da agricultura

No princípio, a ideia era que o Quintal se constituísse como um laboratório de experiências agroecológicas. Assim, diversas alternativas foram sendo pensadas e implementadas ao longo do processo. A seguir, apresentamos as experiências que mais se destacaram durante a atuação do coletivo no Quintal.

6.3.1 Inserção do Sistema Agroflorestal (SAF).

Orientado pelo processo de adubação verde, a primeira experiência produtiva foi a implantação de um Sistema Agroflorestal – SAF (Figura 9).

Figura 9: Implantação do Sistema Agroflorestal, no espaço do Quintal. Agroecológico (2024).



Fonte: Acervo Coletivo CEETAS (2025).

De acordo com Franco (2021):

Em uma perspectiva agroecológica, os sistemas agroflorestais (SAFs) ou agroflorestas são formas de uso da terra que combinam a produção de culturas agrícolas e/ou animais com espécies florestais, simultaneamente ou em sequência, na mesma área. Esses sistemas buscam conciliar o aumento de produtividade e a rentabilidade econômica com a proteção ambiental e a melhoria da qualidade de vida das populações rurais. (FRANCO, 2021, pág. 84)

Naquele momento, em abril de 2024, o coletivo acabara de participar de um curso (figura 11), oferecido pelo SESC Thermas de Presidente Prudente, realizado no Assentamento Porta Maria, no município de Rosana (SP). Lá, orientados pelo professor Namastê - figura experiente e reconhecida na instalação de SAFs, puderam compreender noções fundamentais que, posteriormente, seriam aplicadas no espaço que viria a se constituir como o Quintal.

Figura 10: Coletivo de construção do Sistema Agroflorestal, no Assentamento Porto Maria – Rosana - SP (2024).



Fonte: Acervo Coletivo CEETAS?2025.

A realização desta atividade foi composta por representantes do Coletivo CEETAS. Cadu Lobo, gestor ambiental, do SESC e membros da comunidade unespiana da FCT/UNESP (docentes, discentes e técnico) e a comunidade externa da FTC/UNESP.

Hoje, cerca de dois anos depois, o SAF continua evoluindo e apresentando seu potencial produtivo e paisagístico para o Quintal. Por possuir uma estatura de destaque, em função das espécies presentes - árvores nativas, frutíferas e bananeiras, o sistema quase sempre aparece em destaque nas fotografias registradas no Quintal, com a (Figura 11).

Figura 11: Imagem atual do Sistema Agrofloresta, no Quintal Agroecológico (2025).



Fonte: Acervo pessoal.

Hoje, depois de todo esse período, o SAF ainda nos oferece diversas possibilidades, entre elas a inserção do cultivo de café ou de alguns pés de cacau e, até mesmo, a opção de mantê-lo como está, seguindo as manutenções adequadas e colhendo seus frutos

6.3.2 Oficina da horta em Espiral.

Essa atividade contou com a orientação de companheiras que conduzem experiências com uso de plantas, alunas egressas da FCT/UNESP e que possuem conhecimento sobre o poder das plantas.

Figura 12: Horta Espiral após sua finalização (2024).



Fonte: Acervo pessoal (2024),

Na ocasião foram inseridas diferentes espécies de fitoterápicos, entre elas a Hortelã, o Alecrim, a Babosa, a Arnica, o Carquejo, a Erva Cidreira, a Lavanda e o Boldo. Todas destinadas a tratamentos e cuidados do público que compõem o Coletivo CEETAS e transeuntes da FCT/UNESP.

Figura 13: Coletivo envolvido na implantação da Horta Espiral (2024).



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Algumas das considerações após a atividade, além da importância do uso delas em nosso dia a dia, em forma de chás, pomadas, incensos... existe também a sua praticidade, podendo ser construída nos mais variados espaços, sobretudo, para quem reside em áreas urbanas e são dependentes de um pequeno espaço ou quintal reduzido.

6.3.3 Horta Mandala

Outra experiência desenvolvida e que tem chamado a atenção dos membros e público que a conhece, é a Horta Mandala (Figura 14), referência não apenas paisagística marcante em seus círculos concêntricos, como também produtiva, sendo

que, tudo que fora produzido até hoje, seja com objetivo de incorporar nutrientes como produzir alimentos, trouxe ótimos resultados.

Figura 14: Imagem por drone da Horta Mandala, em 2025.



Fonte: Acervo pessoal.

De acordo com Stringueto (2007) apud in Almeida e Favetta (2012), podemos compreender um pouco o que é uma Horta Mandala:

São hortas de formato circular, não muito comuns, embora a idéia de fazê-las tenha mais de 30 anos. Ganhou atenção na década de 1970, com o movimento de permacultura, criado pelo ambientalista Bill Mollison, na Austrália. Ele preconizava outra forma de dispor as espécies vegetais, mais de acordo com o ecossistema naturais (STRINGUETO, 2007 apud in ALMEIDA e FAVETTA, 2012, pag. 86)

Outro aspecto relevante desse modelo é a priorização da diversidade em vez da quantidade. Embora possa haver expressiva produtividade, destaca-se sobretudo a riqueza de cores, formas e sabores, evidenciada na variedade de legumes, verduras, frutas e plantas fitoterápicas cultivadas.

6.3.4 Discentes do Curso de Engenharia Ambiental

Seguindo o calendário de visitas que foram surgindo para o Quintal, na segunda metade do ano de 2024, foram recebidos os aluno e alunas da disciplina de

Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD), ministrada para o quinto ano do curso de Engenharia Ambiental, da FCT/UNESP.

Além de conhecerem o histórico do CEETAS (pesquisas e trabalhos em andamento, puderem entender como surge a proposta do Quintal. Como parte dessa visita, conheceram alguns insumos que são utilizados no manejo das hortas – torta de mamona, esterco de galinha, farinha de osso, reposição de matéria orgânica e calcário etc. Após isso, os estudantes “botaram a mão na massa” e construíram mais uma experiência para ser desenvolvida no quintal, o espaço da horta agroecológica, no sistema de canteiros em linha.

Figura 15: Visitas dos alunos da disciplina de Projeto de Restauração de Áreas Degradadas (2024).



Fonte: Acervo pessoal/2024.

Nessa atividade os alunos puderam acompanhar e construir seus canteiros, neles foram plantados tubérculos, legumes, verduras e fitoterápicos que futuramente poderiam ser consumidos pelos próprios alunos e a comunidade.

No processo, entenderam como funciona a incorporação dos bioinsumos que vem a contribuir com o desenvolvimento das plantas. Entender a posição do sol. Como

o formato do canteiro influencia na manutenção futura. E, de modo mais amplo, como o conhecimento agroecológico está conectado aos conhecimentos ancestrais e como pode se utilizar das novas tecnologias, de forma benéfica e sem que seja necessário preda o solo e seus nutrientes, mas sim que haja um equilíbrio entre todos os agentes presentes no circuito produtivo.

Figura 16: Foto coletiva após plantio.



Fonte: Acervo pessoal/2024.

Após essa atividade, os alunos vinham de forma recorrente acompanhar o crescimento das plantas e colhê-las. Foi a partir desse episódio que responsável pela disciplina adotou o quintal como espaço de aprendizado para os alunos, também no ano de 2025 e com vista para os próximos anos.

6.4 O dia a dia do Quintal Agroecológico.

Entre 2024 e 2025, muitas conquistas foram alcançadas, embora ainda haja um longo percurso pela frente. Como ocorre em iniciativas dessa natureza, a continuidade do projeto depende do engajamento de voluntários que se identificam com a proposta e se dedicam à manutenção das atividades. Todo o trabalho é

desenvolvido de forma coletiva — desde os mutirões de manutenção e construção até os plantios e o acolhimento das visitas, que envolvem tanto escolas da região do Pontal quanto turmas de diversas disciplinas da graduação e da pós-graduação da FCT/UNESP.

Ao longo desses quase dois anos de atuação, foi possível registrar uma série de encontros (Quadro 6), reuniões, plantios, mutirões, aulas de campo e visitas. Esses registros evidenciam que o Quintal tem se consolidado como um espaço de socialização, formação e experimentação agroecológica, articulando diferentes saberes, práticas e metodologias.

Quadro 6: Atividades realizadas no Quintal Agroecológico com ampla divulgação (2024-2025).

Atividade	Data	Objetivo
Construindo um Quintal Agroflorestal, com Cadu Lobo	09 de abril de 2024	Implantação do Sistema Agroflorestal do Quintal.
Oficina “Espiral de Ervas” – Conhecendo as plantas medicinais no autocuidado diário e a experiência de plantio em espiral	02 de julho de 2024	Implantação de uma horta espiral para a produção de fitoterápicos.
Mutirão	28 setembro 2024	Manutenção e colheita
Oficina agroecológica	25 de outubro de 2024	Visita de crianças do Centro de Convivência Infantil (CCI), da FCT/UNESP.
Almoço coletivo agroecológico	22 de novembro de 2024	Almoço preparado com alimentos produzidos no quintal
Roda de quintal	06 de dezembro de 2024	Programação cultural pedagógica construída
Visita de alunos da E.E. Fazenda São Bento	09 de dezembro de 2024	Conhecer as instalações da FCT/UNESP.
Mutirão de manutenção do quintal	14 de fevereiro de 2025	Manutenção e planejamento de atividades
Mutirão de manutenção da Horta Mandala.	03 de maio de 2025	Manutenção
Aula da Disciplina de Projeto de Recuperação de Áreas Degradadas.	14 de maio de 2025	Os alunos puderam conhecer na prática formas de recuperação a partir da

		agroecologia, aliado ao que é praticado no quintal.
Visita guiada e plantio.	13 de julho de 2025	Alunos do quinto ano do Colégio Maple Bear Prudente visitaram o campus da FCT/UNESP, a fim de conhecer alguns projetos de extensão e aprofundar os conhecimentos.
Mutirão de manejo e preparo do solo do Quintal Agroecológico.	06 de agosto 2025	Manejo coletivo do quintal.
Escola de Inverno – Semeando o Futuro e Resguardando os saberes geográficos para a preservação do patrimônio natural”.	30 de agosto 2025	Momento de vivência de alunos da rede de ensino estadual, onde puderam, de forma prática, entender o processo e movimento agroecológico, a partir do plantio e manutenção do quintal.
Fonte: Coletivos CEETAS. Organizado pelo autor.		

O conjunto de atividades apresentadas corresponde àquelas que foram divulgadas de forma mais ampla e que contaram com uma organização mais articulada. Ficam de fora, contudo, as ações realizadas no dia a dia, que não podem ser mensuradas em uma planilha: as inúmeras escolas que solicitaram visitas - ou foram indicadas pela FCT/UNESP em seu circuito institucional - as atividades comemorativas que ocorreram após encontros dos grupos de pesquisa e as ações espontâneas realizadas por parceiros e transeuntes que vêm conhecer o Quintal.

Apesar dos avanços, persistem desafios, especialmente no que diz respeito à ampliação da participação de novos sujeitos. Durante os períodos de recesso (férias), por exemplo, torna-se mais difícil manter o ritmo das ações - algo natural nesse tipo de projeto. Quando o grupo se reduz, adotamos uma espécie de “desaceleração metabólica”, à semelhança dos répteis: diminuímos o ritmo e concentramos nossos esforços na manutenção do que já existe.

Outro desafio constante é sensibilizar a gestão administrativa do campus, que nem sempre compreendeu que o Quintal se fundamenta em um modelo de paisagismo distinto do convencional. Trata-se de um paisagismo vivo e produtivo,

orientado para a produção de alimentos, o consórcio de plantas, a troca genética, a diversidade ecológica, dos princípios agroflorestais e agroecológicos e, não de um paisagismo meramente estético, baseado em grama aparada e árvores podadas como observamos no conjunto da universidade e da cidade.

Considerações finais

A partir do que foi apresentado até aqui, torna-se difícil imaginar que essas experiências não estejam interligadas. Ainda que apresentem metodologias distintas, há sujeitos que se constituem como pilares dessa relação, tanto no âmbito dos movimentos sociais quanto no interior da Universidade. Nesse sentido, olhar para cada uma dessas experiências significa reconhecer nelas um solo fértil que possibilitou o surgimento e o fortalecimento de outras iniciativas posteriores. Ao analisar o projeto *Café com Floresta*, por exemplo, desenvolvido no início dos anos 2000, passando pela construção da Rede Pontal Agroecológico, torna-se complexo conceber que tais experiências não tenham contribuído de forma decisiva para a constituição do NEAPO e do próprio Quintal Agroecológico. Assim, compreendê-las de maneira isolada revela-se insuficiente, sendo assim, torna-se mais apropriado entendê-las como parte de uma rede articulada, que se expressa, se articula e se sustenta em um movimento agroecológico mais amplo, que a anos vem se constituindo na região do Pontal do Paranapanema.

E, podemos identificar que as experiências apresentam características próprias, seja pelo desenvolvimento direto de práticas agroecológicas, como ocorre no Quintal Agroecológico e no Coletivo Saruê, seja pela construção de espaços de referência e articulação, como o Centro de Referência em Agroecologia do Pontal (CRAP) e o NEAPO, voltados ao fortalecimento e à potencialização das ações agroecológicas na região. Apesar dessas especificidades, há um ponto comum que as conecta: o compromisso com a formação da consciência crítica, por meio dos conhecimentos e das práticas agroecológicas, compreendidas não apenas como um aspecto produtivo, mas como um instrumento de soberania para quem produz e para quem acessa e consome os alimentos agroecológicos, contribuindo, ainda, para a redução das distâncias entre esses sujeitos, produtores e consumidores.

Por fim, observar e acompanhar a experiência do Quintal Agroecológico tem nos permitido compreender que a construção da agroecologia, seja na prática ou na

teoria, é um processo permeado por desafios e dificuldades. No entanto, a cada visita recebida, a cada flor que floresce e a cada planta que, diariamente, oferece alimento, reforça-se o sentido e a potência dessa proposta. Do mesmo modo, cada espaço de diálogo e cada discussão em que a agroecologia é apresentada possibilitam o surgimento de novas experiências e o envolvimento de mais sujeitos, que passam a reconhecer o papel fundamental da agroecologia e sua contribuição para a construção de modos de vida mais justos e ecologicamente sustentáveis, ainda que a luta pelo movimento agroecológico seja árdua e contínua.

Referências

ALCÂNTARA, Flavia. Saber e Fazer Agroecologia: por uma agricultura mais generosa com a terra e com as pessoas. Embrapa. N° 5. 2016.

ALMEIDA, Valter José de; FAVETTA, Leda Rodrigues de Assis. A horta mandala na agroflorestra sucessional: uma aliada na restauração ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 28, p. 85-99, jan./jun. 2012.

ALMEIDA, Fernando Freitas de. Sistema Alimentar Camponês e as práticas agroecológicas nos assentamentos Ipanema e Bela Vista de Iperó/SP. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 23 abr. 2025.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. *Agroecology: the science of sustainable agriculture*. Boulder: Westview Press, 1995.

_____. *Agroecology: principles and strategies for sustainable agriculture*. Boulder: Westview Press, 2000.

_____. *Agroecology and the search for a truly sustainable agriculture*. Berkeley: University of California, 2001.

_____. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ALTIERI, Miguel; NICHOLLS, Clara I. *Biodiversidad y manejo de plagas en agroecosistemas*. Barcelona: Icaria, 2003.

_____. *Agroecologia e agricultura camponesa*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BALDASSARINI, Jéssica de Sousa. As crises da relação sociedade-natureza: um diálogo em busca das (re)conexões. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 19 mar. 2021.

BUSCIOLI, Lara Dalperio. Paradigmas e estratégias do MST para o desenvolvimento de territórios agroecológicos. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 15 fev. 2024.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. *Extensão rural e agroecologia*. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

_____. *Agroecologia: princípios e reflexões para uma nova ciência*. Brasília: MDA, 2007.

CARMO, Janio Gomes. Diversidade da agricultura urbana e periurbana em Barretos (SP) e sua marginalização pelas políticas públicas. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 15 jul. 2021.

COMAS, Christiane R. Congro. Embrapa. Crotalária é uma boa alternativa para a renovação de canaviais. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2380275/crotalaria-e-uma-boia-alternativa-para-a-renovacao-de-canaviais>. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

CONTINI, Alida Dagnino. Donde los pies pisan. Otras formas de producir y organizar la vida: un patio agroecológico en la universidad. Revista Pegada. vol. 25. 2025.

DINIZ, Raphael Fernando. Diálogo de saberes ou monólogo do conhecimento? ação extensionista e políticas de desenvolvimento rural no Vale do Jequitinhonha mineiro. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 21 maio 2018.

DONATON, Gabriela. A produção orgânica no município de Piracaia-SP e a relação produtor-consumidor: o caso da Associação Piracaia Orgânica. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 22 maio 2018.

Fonseca, M. F. de A. C. Agricultura orgânica: regulamentos técnicos para acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil. PESAGRO-RIO/Niterói-RJ. 2009. Pag. 18.

FUNES-MONZOTE, Fernando. *Agricultura sostenible: un enfoque cubano*. Havana: ACTAF, 2002.

_____. *Revolución agroecológica: el movimiento de campesino a campesino en Cuba*. Havana: ANAP, 2018.

FUKUOKA, Masanobu. *A revolução de uma palha*. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. *The natural way of farming*. Tokyo: Japan Publications, 1985.

GLIESSMAN, Stephen R. *Agroecology: the ecology of sustainable food systems*. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

_____. *Transforming food systems with agroecology*. Boca Raton: CRC Press, 2021.

HOWARD, Albert. *An agricultural testament*. London: Oxford University Press, 1940.

_____. *The soil and health: a study of organic agriculture*. London: Faber and Faber, 1947.

JORGE, Aline Albuquerque. A produção de territorialidades subalternas e emancipadoras em assentamentos de reforma agrária do MST no Paraná. [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 5 set. 2024.

LEAL, Sidney Cássio Todescato. A dinâmica territorial do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no Pontal do Paranapanema-SP no contexto dos conflitos. [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 16 mar. 2017.

_____. Resistência camponesa, construção da consciência/ pertencimento a classe trabalhadora nos assentamentos rurais do pontal do Paranapanema-SP. [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 25 ago. 2023.

LOPES, Angélica da Silva; ZANELLI, Fabrício Vassalli; CARDOSO, Irene Maria; SILVEIRA, Maysa da Mata. Proteção, manejo e conservação dos recursos naturais nos sistemas agroecológicos. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol. 10, Nº 3. 2015.

LOPES, Jayrla da Silva; SOUSA, Sinara Barboza; MARQUES, Virna Braga; PREIRA, Ana Carolina da Silva. Quintais produtivos: uma alternativa agroecológica de produção sustentável para o desenvolvimento da agricultura familiar. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, V. 15. Nº 2. 2020. São Cristóvão, Sergipe.

MACHADO, Angela dos Santos. A reestruturação produtiva canavieira e as implicações para a saúde dos trabalhadores assentados no Pontal do Paranapanema (SP). [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 31 mar. 2020.

_____. A formação dos mercados da reforma agrária popular pelo MST no Brasil (2003-2023). [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 5 jun. 2024.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MATHEUS, Fernanda Aparecida. Agroecologia como movimento socioterritorial um estudo sobre circuitos curtos de comercialização e reforma agrária popular no estado de São Paulo. [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 5 maio 2023.

MENDES, Lidiana de Pinho. Prosas do tempo e o clima da vida cotidiana: : um estudo sobre experiências do clima em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema/SP/BR. [S.I.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 18 abr. 2024.

MIRANDA, Lucas Araújo. Agricultura urbana agroecológica na cidade de São Paulo: o caso das mulheres do Grupo de Agricultura Urbana (GAU). [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 23 abr. 2024.

MORENO, Larissa Tavares. A nova ordem sociometabólica da produção pesqueira no Brasil: as formas de controle do trabalho e da natureza versus as formas de resistências dos(as) trabalhadores(as). [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 4 fev. 2021.

NEGRI, Bruna Trevisan. Agricultura urbana e periurbana em Regente Feijó/SP: análise de suas particularidades e comparação com o caso de Centre Wellington/ON - Canadá. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2 dez. 2022.

NICHOLLS, Clara Inés; ALTIERI, Miguel A. *Managing biodiversity in agricultural ecosystems*. Boca Raton: CRC Press, 2012.

_____. *Agroecología y resiliencia al cambio climático*. Medellín: SOCLA, 2018.

OLIVEIRA, Luciano Benini. (E)Integrados ao veneno: Subordinação e resistência dos camponeses do Pontal do Paranapanema na produção de pepinos em conserva. 2019. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente. 2019.

ORIGUELA, Camila Ferracini. Clima urbano, risco climático e vulnerabilidade socioespacial mediados pela produção do espaço urbano em cidades paulistas (São Carlos, Marília e Presidente Prudente). Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente. 2019.

PAULA, Larissa Araújo Coutinho de. A bela flor do/no campo: por uma geografia de gênero e (r)existência em assentamentos rurais do interior de São Paulo. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2 out. 2020.

PEREIRA, Lorena Izá. "Tríplice aliança continua sendo um grande êxito": os regimes de controle do território paraguaio (1870-2019). Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2019.

PETERSEN, Paulo (org.). *Agricultura familiar e agroecologia no Brasil*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

_____. *Construção social da agroecologia*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2013.

PERTUZ, Marcia Arteaga. Mujeres en lucha: por la defensa de la vida y la tierra en América latina y el Caribe: perspectivas desde Brasil y Colombia. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 20 jun. 2024.

PIMENTA, João Paulo de Oliveira. Apropriação do relevo no Pontal do Paranapanema - São Paulo: subsídios para um reordenamento territorial socioambientalmente sustentável. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 22 abr. 2024.

PIÑEROS LIZARAZO, Robinzon. Mobilidade territorial do trabalho de jovens rurais em territórios do agrohidronegócio de cultivos flexíveis. Palma de azeite nos departamentos de Meta e Casanare (Colômbia) e cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema (São Paulo, Brasil). Tese de doutorado. 2028. Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP). Presidente Prudente. São Paulo.

PRADO, Eduarda Aparecida do. Organização das experiências de produção e comercialização de alimentos agroecológicos no Pontal do Paranapanema. Congresso de Iniciação Científica - CIC. 2024. Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP). Presidente Prudente. São Paulo.

PRIMAVESI, Ana Maria. *A biocenose do solo na produção vegetal*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

_____. *Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais*. São Paulo: Nobel, 1982.

_____. *Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura*. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. *Manual do solo vivo: diagnóstico e recuperação*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

_____. *Solo vivo: vida e saúde do solo*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

RABELLO, Diogenes. Camponeses assentados e as práticas agroecológicas no contexto do agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP). Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP). Presidente Prudente. São Paulo. 2018.

_____. Práticas agroecológicas e saberes tradicionais na produção de alimentos. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP). Presidente Prudente. São Paulo. 2023.

RABELLO, Diogenes; SILVA, Lucas Souza; NEGRÃO, Gustavo Caique Pereira. Estratégias de reprodução do campesinato na região do Pontal do Paranapanema (SP): o caso da comercialização das Cestas Agroecológicas e Solidárias “RAÍZES DO PONTAL”. Revista Pegada Eletrônica. Geografia do Trabalho. UNESP. 2019.

REGALA, Raisia Maria de Sousa. “Djubi pa dianti ku speransa bu vitória na bin”: as lutas e resistências das mulheres camponesas, a ancestralidade e a promoção da saúde na Guiné-Bissau. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 31 maio 2024.

Repositório Institucional da UNESP. Teses e Dissertações. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/#/pos-graduacao/--geografia/dissertacoes-e-teses/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2026.

RIBEIRO, Leandro Nieves. A territorialidade discursiva liberal-conservadora: o caso dos think tanks ultraliberais e sua discursividade na questão agrária no Brasil. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 25 jun. 2024.

ROCHA, Carlos Eduardo Ribeiro. Produção territorial do conflito agrário no Tocantins do século XXI: terra, território, expansão do capital e violência no campo. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 31 mar. 2022.

ROSA, Audrey Ferreira. As particularidades da agricultura urbana e periurbana (AUP) em Presidente Prudente/SP. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 30 abr. 2020.

ROSA, Paulo Roberto. Impactos da implantação de unidades industriais sucroenergéticas no desenvolvimento: o caso dos municípios de Mirante do Paranapanema/SP e Narandiba/SP. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 12 maio 2020.

SANTOS, Maria Aparecida Martins dos. Do barraco de lona preta ao lenço vermelho: o processo da luta pela terra por meio da memória das mulheres no Pontal do Paranapanema. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 11 maio 2023.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. *Ecología política y agroecología*. Barcelona: Icaria, 2001.

_____. *Por uma sociologia da agroecologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente*. São Paulo: Gaia, 1993.

_____. *O futuro da comida*. São Paulo: Gaia, 2005.

_____. *Quem alimenta o mundo?* São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SIMON, Carolina Russo. A Promoção da Saúde, Feminismo e Contraespaço: mulheres camponesas e suas lutas para se manterem vivas! [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 23 mar. 2020.

SILVA, Gustavo Henrique Pereira da. Os efeitos de áreas agrícolas urbanas na intensidade das ilhas de calor em Florianópolis - SC. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2 abr. 2020.

SILVA, Hellen Carolina Gomes Mesquita da. A luta pela terra tem rosto de mulher: espaços da auto-organização e da reprodução social. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 5 set. 2023.

SILVA, Lucas Souza. Entre a lógica da produção orgânica e agroecológica: luta da agricultura camponesa no Assentamento Rodeio (Presidente Bernardes) na busca por alternativas de comercialização. Dissertação de Mestrado. Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI). Universidade Estadual Paulista (Unesp). 2024.

SILVA, Lucas Souza; MORAES, Lucas Gabriel da Silva; SANTOS, Izabella Alexia Caneiro; ALMEIDA, Fernando Freitas; PEREIRA, Gabriel. O QUINTAL AGROECOLÓGICO COMO *PRÁXIS* DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: A EXPERIÊNCIA DO CEETAS. Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais. 2024.

SODRÉ, Maiara Tavares. A unidade múltipla do desenvolvimento no espaço rural de Pelotas/RS: a ideia, os projetos e os processos. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 12 jan. 2021.

STEINER, Rudolf. *Agricultura biodinâmica: curso agrícola*. São Paulo: Antroposófica, 1924.

TABUTI, Ana Lúcia Teixeira. Construindo uma nova geração camponesa: estratégias de resistência e reprodução socioterritorial do campesinato em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 10 dez. 2019.

THOMAZ JUNIOR, Antônio; FIGUEIRINHA, Fábio; ROPELLI, Marco (Direção). Nós chegamos primeiro. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T1S_xhNtAOQ. Acesso em: 22 mar 2026.

TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. *La memoria biocultural*. Barcelona: Icaria, 2008.

TOLEDO, Víctor Manuel. *Ecología, espiritualidad y conocimiento*. Ciudad de México: UNAM, 2015.

VALADÃO, Adriano da Costa. MOREIRA, Silvana dos Santos. "Movimento Agroecológico". In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (Orgs). Dicionário de agroecologia e educação do campo. Expressão Popular. 1ª Edição. 2021. Rio de Janeiro e São Paulo. p.508-511.

VALADÃO, Franciele Aparecida. Mulheres camponesas: construindo resistências através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 4 ago. 2020.

VALÉRIO, Valmir José de Oliveira. Agonia da comida: da expansão da cana-de-açúcar ao movimento da produção e distribuição de hortifrúteis no estado de São Paulo (2006-2017). [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 16 dez. 2019.

WHITACKER, Guilherme Magon. Desenvolvimento sustentável: decifra-me ou te devoro. Análise sobre o desenvolvimento sustentável no modo de produção capitalista. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 3 fev. 2017.

Anexos











OFICINA

**Conhecendo as plantas medicinais,
no autocuidado diário e a
experiência de plantio em espiral**

Ministrantes:

Eliana Maria - Geógrafa e Terapeuta Naturalista
Mazilia Marcelina - Terapeuta Naturalista
Cleuza Aparecida - Prof. de Geografia

Quintal do Ceeatas

02/07 - Terça Feira

08:30h



unesp

**Construindo um
quintal agroflorestal
no CEETAS/UNESP**

Oficina com Cadu Lobo,
educador ambiental do Sesi:
Thermas de R. Prudente.

proec

09 de abril - 08H às 12H
Quintal Agroecológico
do CEETAS

CEETAS

**QUINTAL AGROECOLÓGICO
CEETAS - UNESP**











AÇÃO COLETIVA: QUINTAL AGROECOLÓGICO E PRAD

QUINTAL AGROECOLÓGICO
PRAD, 2004

Ação coletiva para a criação de um capoteiro contendo mudas de hortaliças, leguminosas e titatardiosos, junto às sementes e mudas da disciplina "Prática de Recuperação de Áreas Degradadas", ministrada pela professora e pesquisadora do CEETAS, Renata Ribeiro de Araújo, de acordo com o curso de Engenharia Ambiental.

Data: 14/05
Horário: 07h:30
Local: CEETAS

CEETAS NEARPO





